

MACOUNBA

FAUUSP

TFG II | Liliane Midori Hayashi

Orientação: Clíce de Toledo Sanjar Mazzilli

Julho.2020

ÍNDICE

Resumo	04
Os perigos do século XXI	06
Introdução	06
A intolerância	34
Por que o fotolivro?	60
O trabalho	84
O candomblé	84
As fotografias	90
Bibliografia	100

RESUMO

O objetivo desse trabalho é um projeto de fotolivro, com um estudo voltado a linguagem fotográfica que tem como tema uma questão muito em pauta atualmente. Governos com discursos autoritários tem ganhado força na última década. A intolerância incitada por eles tem de mostrado intensa e violenta. Mas de onde vem esse sentimento que tem movido multidões ensandecidas a atacarem minorias? O fascismo não é apenas um fenômeno político, mas também psicológico. A partir de um sentimento de tribo, onde seus membros se unem contra um ou alguns inimigos em comum, o indivíduo se perde para compactuar com os horrores que a política de tribo prega. O ser humano se encontra vulnerável a esse tipo de política, uma vez que, ele não desenvolve um self mais, e por isso não conhece sua individualidade, assim como sente um vazio que é preenchido pelas tribos. E como combater a intolerância? Com a arte e o humor, obrigando o intolerante a encontrar sua individualidade e confrontar seu vazio e assim conseguir ver o outro. A fotografia foi utilizada com o objetivo de retratar realidades que estão correndo riscos e dessa forma confrontar ideias intolerantes.

ABSTRACT

The objective of this work is a photobook project, with a study focused on the photographic language that has as its subject a very current issue. Governments with authoritarian speeches have gained strength in the past decade. The intolerance incited by them has proved to be intense and violent. But where does this feeling come from, which has driven maddened crowds to attack minorities? Fascism is not only a political phenomenon, but also a psychological one. From a feeling of tribe, where its members unite against one or a few enemies in common, the individual is lost to agree with the horrors that the tribe policy preaches. The human being is vulnerable to this type of policy, since, he does not develop a self anymore, and therefore does not know his individuality, as well as feeling a void that is filled by the tribes. And how to fight intolerance? With art and humor, forcing the intolerant to find his individuality and confront his emptiness and thus be able to see the other. Photography was used with the aim of portraying realities that are at risk and thus confronting intolerant ideas.

PERIGOS DO

Avanço do autoritarismo

Introdução

Os acontecimentos da última década levaram muitos a refletir sobre a sociedade na qual vivemos e que criamos. Uma onda reacionária vem crescendo rapidamente e tentando destruir os avanços que foram conquistados em relação a direitos humanos, assim como as lutas identitárias a exemplo dos movimentos feministas, negros e LGBTQI+. Parece que todos os avanços relacionados a esse tema do último século estão em riscos e uma sociedade segregacionista esta lutando para voltar com toda a força.

Essa onda esta vindo de uma forma tão destrutiva e violenta que muitos estão temendo não apenas a perda de direitos como também por suas vidas. Suas existências estão sendo agressivamente combatidas por uma direita ultra conservadora que apenas consideram dignos os que consentem com a sua intolerância ou que por sorte nasceram dentro de um padrão que é o considerado o certo. Em moldes muito similares aos que aconteceram na Alemanha nazista e em muitos outros governos autoritários, com apoio expressivo da população.

SÉCULO XXI

Imagem 01: protesto dos 300 do Brasil em Brasília | fonte: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/06/01/tribunal-nega-recurso-do-mp-contra-acampamento-dos-300-do-brasil.htm>



O Estado que deve ser atacado não é aquele das máquinas de guerra, da repressão policial ou do desrespeito aos cidadãos. O Estado a ser desmontado é aquele que, segundo essa visão, concederia direitos demais — ou mesmo quaisquer direitos às pessoas ou grupos ‘errados’. Se o neoliberalismo desmontou o Estado de bem-estar social, a nova direita quer atacar o Estado como ente que garante direitos civis, direitos humanos.

(BIANCHI, 2018 apud CARAPANA, 2018)

O autoritarismo

Nessa última década foi possível ver governos com moldes cada vez mais autoritários subirem ao poder. Mas a última rodada de eleições em muitos países foram eleitos candidatos que explicitamente levantam bandeiras xenofóbicas, misóginas, homofônicas e racistas. Ou até se que se alinhavam com pensamentos nitidamente antidemocráticos, defendendo perseguições políticas, torturas e entre outras atitudes autoritárias. Características claras em governos como o de Donald Trump nos Estados Unidos, de Jair Bolsonaro no Brasil, De Rodrigo Duterte nas Filipinas e Viktor Orban na Hungria, para citar apenas alguns exemplos.

A professora do Departamento de Política da Universidade de Amsterdã, chamada Marlies Glasius, criou uma pesquisa que procura práticas autoritárias em países, independentemente deles se declararem democráticos ou não, chamada *Authoritarian Practices in a Global Age*¹. Ela separa essas práticas em duas vertentes, que podem acontecer concomitantemente dentro do mesmo governo, a primeira é o autoritarismo que consiste em reprimir qualquer ato que questiona e crítica tanto políticos quanto empresas e autoridades. Enquanto a segunda ela chama de iliberalismo que trata de ações as quais ameaçam a autonomia e a dignidade das pessoas atentando contra os direitos humanos e as liberdades individuais.

¹ Práticas autoritárias no mundo globalizado

“Para a professora, impor sigilo sobre suas próprias atividades, minar o controle popular, espalhar fake news, desqualificar a imprensa e, em alguns casos, até órgãos oficiais de governo e sufocar os mais críticos são práticas autoritárias que podem ser observadas em governos considerados democráticos e em grandes organizações.”

(ODILLA, 2019)

Todos esses exemplos citados por Fernanda Odilla em seu artigo sobre a pesquisa da professora são uma realidade no Brasil. Em 2020 durante a crise mundial que o corona vírus tem causado, o presidente já descreditou órgãos oficiais como a OMS, seu próprio Ministério da Saúde, assim como governadores e prefeitos, a imprensa e pesquisadores ao redor do mundo. Para negar a gravidade da pandemia que fez o mundo parar e trancou sua população em casa. O instrumento mais utilizado para isso é o da *fake news*, que espalha o medo na população, com estudos científicos falsos e teorias da conspiração sem sentido, inclusive incitando a população a se rebelar contra a quarentena e contra a vida dos outros.

As *fake news* no Brasil se tornaram algo tão grave que elas estão sendo alvo de uma investigação da Polícia Federal para entender qual a fonte delas. Por isso, diversas organizações governamentais e não governamentais criaram portais para esclarecer as notícias que muitos recebem pelas redes sociais e tentar parar a disseminação da desinformação.

Glasius em sua entrevista comenta sobre como esses governos “*falam a linguagem democrática*”, no entanto ela é utilizada de forma distorcida para reprimir minorias, opiniões divergentes ou críticas. Eles esvaziam as palavras de seu significado com o objetivo de utilizá-las para espalhar o medo e incertezas dentro da população e reforçar suas ideias intolerantes que além de agirem como se grupos marginalizados pela sociedade não merecessem proteção estatal ou direitos. Ainda incitam verbalmente seus apoiadores a fazerem o mesmo, geralmente através da violência e exclusão desses.

CORONAVÍRUS

Isso serve para informar a todos que o pH do vírus corona varia de 5,5 a 8,5.

* PESQUISA: REVISTA DE VIROLOGIA, MARÇO DE 2020, PÁGINA 19*

Tudo o que precisamos fazer, para vencer o vírus corona, precisamos ingerir mais alimentos alcalinos que estão acima do nível de pH acima do vírus.

Alguns dos quais são:

- Limão - 9,9pH
- Abacate - 15,6pH
- Alho - 13,2pH
- Manga - 8,7pH
- Tangerina - 8,5pH
- Abacaxi - 12,7pH
- Dente de leão - 22,7pH
- Laranja - 9,2pH

Não guarde essas informações apenas para si mesmo. Passe para todos.

Por que é falso?

Até o momento, não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19).

Saúde **sem** Fake News

 **(61) 99289-4640**
www.saude.gov.br/fakenews

Ministério da Saúde



Imagem 02: Site do Ministério da Saúde esclarecendo Fake News | fonte: <https://www.saude.gov.br/fakenews/46703-alimentos-alcalinos-evitam-coronavirus-e-fake-news>

CORONAVÍRUS

Enfermeiras de UPAs denunciam que novo software do SUS, para registrar se pacientes tem sintomas de Covid19, não aceita registrar o NÃO, apenas o SIM. Até pacientes com queimaduras são registrados como Covid19. Com a chegada do frio querem disparar o n° de mortes.

Por que é falso?

Todas as orientações do Ministério da Saúde sobre óbitos relacionados ao coronavírus (COVID-19) estão disponíveis na publicação "Manejo de corpos no contexto da COVID-19". De acordo com a publicação, o atestado de óbito é fornecido pelo cartório, a partir da declaração de óbito fornecida pelo médico que assistiu o paciente.

Saúde **sem** Fake News

 **(61) 99289-4640**
www.saude.gov.br/fakenews

Ministério da Saúde



Imagem 03: Site do Ministério da Saúde esclarecendo Fake News | fonte: <https://www.saude.gov.br/fakenews/46778-software-das-upas-obrigam-registro-de-coronavirus-e-fake-news>

“A democracia é usada para, em nome da maioria, violar direitos de minorias. Podemos fazer essa distinção com o passado, em especial na América Latina. Também, não necessariamente, (as práticas autoritárias) usam o já fora de moda discurso de direita contra esquerda. Bolsonaro, em alguma medida, ainda usa esse discurso.”
(GLASIUS, 2019)

Filmes como *“A Vida é Bela”* (1997) e *“O Menino de Pijama Listrado”* (2008) foram aclamados pelos espectadores e pela crítica. Eles representaram o horror das consequências da ascensão desse tipo de ideologia no poder. Mesmo que eles tenham emocionado milhares de pessoas do mundo isso parece não impedir que esse tipo de política aconteça novamente. Outro filme que discute o assunto é *“A Onda”* (2008), que mostra como é fácil o autoritarismo chegar ao poder e mudar os comportamentos da uma população. Mostrando como nenhuma democracia esta imune a isso e por isso devemos sempre tomar cuidado e prestar atenção em quem elegemos. Porque as consequências disso podem ser desastrosas.

Em um artigo para a revista online *Medium* Bruno Bianchi analisa o cenário político atual traçando um paralelo entre os eventos que resultaram na eleição dos governos fascistas do século XX e do século XXI. No artigo, ele se refere a um sentimento predecessor a essas eleições o qual ele chama de nacionalismo ressentido.



*Imagem 04: Cena do filme
A Vida é Bela | fonte: [https://
www.devotudoaoocinema.
com.br/2019/09/vida-e-bela-
de-roberto-benigni.html](https://www.devotudoaoocinema.com.br/2019/09/vida-e-bela-de-roberto-benigni.html)*



*Imagem 05: Cena do filme
O menino do Pijama
Listrado | fonte: [http://www.
aescotilha.com.br/cinema-tv/
central-de-cinema/o-menino-
do-pijama-listrado-critica/](http://www.aescotilha.com.br/cinema-tv/central-de-cinema/o-menino-do-pijama-listrado-critica/)*



*Imagem 06: Cena do filme
A Onda | fonte: [https://www.
devotudoaoocinema.com.
br/2019/09/vida-e-bela-de-
roberto-benigni.html](https://www.devotudoaoocinema.com.br/2019/09/vida-e-bela-de-roberto-benigni.html)*

Durante o século XX disputas coloniais entre os recém formados países europeus, especialmente em relação ao continente africano, juntamente com o desenvolvimento de novas tecnologias bélicas culminaram na Primeira Guerra Mundial. Os acordos entre os vitoriosos e os derrotados resultaram nesse sentimento de nacionalismo ressentido, uma vez que, eles deixaram os países vencidos em uma profunda crise econômica. Esse sentimento somado a outros remanescentes da guerra como o mito da pátria e a disputa entre nação e anti-nação, ou seja, tudo o que estava fora do corpo ideológico nacional deveria ser combatido. Além disso, a forma tradicional de governar não cumpria mais as necessidades da sociedade moderna. Esse contexto permitiu a ascensão dos governos fascistas e nazistas, apoiados pelas grandes empresas e burguesia.

Paralelo ao século anterior, o século XXI é fortemente marcado pelos atentados de 11 de setembro de 2001. Eles reacenderam o sentimento nacionalista americano e serviram como justificativa para a invasão de diversos países. A crise econômica de 2008 resultou no aumento mundial do desemprego, juntamente com o aumento dos conflitos armados principalmente no oriente médio. Além disso uma forte crise migratória com origem no Haiti e na Síria. Resultaram com um sentimento de nacionalismo ressentido, especialmente quando se trata de imigrantes que *“estão destruindo o país”* e *“roubando nossos empregos”*. Como consequência na Europa muitos candidatos de extrema direita estão sendo eleitos baseados

em um discurso anti-migratório e nacionalista, a exemplo da promessa do Brexit feita por Theresa May e Boris Johnson.

Celina Alcântara Brod em um artigo para a revista *Estado e Arte*, comenta sobre o oxímoro que vivemos. É uma dinâmica de grupos tóxica e estranha, nas palavras dela *"Perdeu-se o tom universalista e deixou-se de defender valores que transcendem o grupo, como as liberdades individuais e a igualdade sob a lei"*. Ela fala sobre como Amy Chua escreve em seu livro *Political Tribes: Group Instinct and the Fate of Nations*², que as palavras de Martin Luther King impulsionaram as políticas identitárias na década de 60. Essas palavras ainda possuem essa característica universalista a qual as duas se referem: *"eu tenho um sonho de que meus filhos sejam julgados pelo seu caráter e não pela cor de suas peles"*. Por outro lado atualmente é crescente a quantidade de grupos que exigem reconhecimento por uma identidade e essa luta pode ter como consequência radicais que culpabilizam e demonizam outros grupos.

O radicalismo de fato tem aumentado dentro de todos os grupos e lutas, mas não se pode nivelar o nível de violência e desrespeito entre todos eles, majoritariamente as minorias são alvos de grupos radicais de extrema direita e são vítimas de intensa violência. O que se torna especialmente grave quando o Estado apoia a intolerância contra grupos que já são marginalizados pela sociedade.

² *Política de tribos: instinto de grupo e o destino das nações*

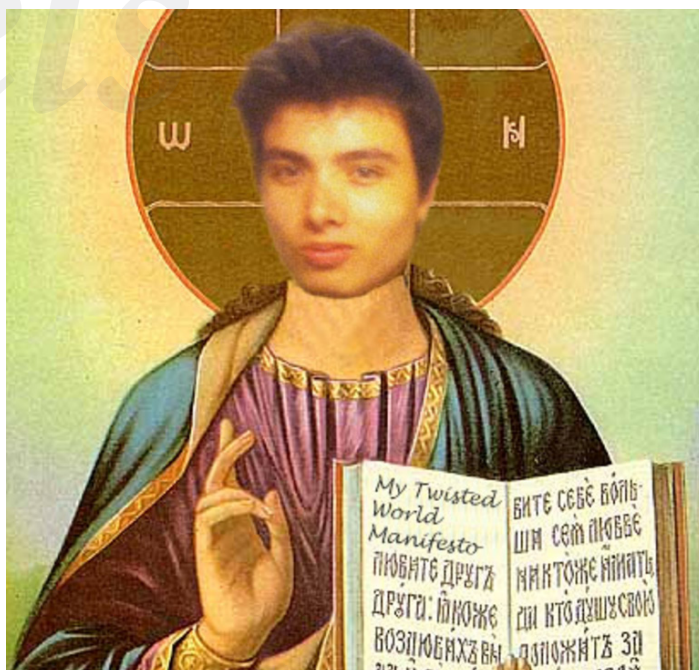
O radicalismo

Os movimentos identitários como o feminista, o movimento negro e o LGBTQI+, aumentaram sua força e voz no âmbito político, e como consequência os movimentos reacionários se voltaram contra eles. Grupos como os Celibatários Involuntários, os quais são um grupo de extrema direita conhecidos por suas motivações misóginas com viés racista, que ficou famoso depois de responsáveis por assassinatos em massa se reconheceram como membros. Esses assassinos são idolatrados pelos Incels. Eles também celebram diversos tipos de crimes que os permitem expressar seu ódio contra o mundo, esses são especialmente crimes sexuais.

“O fanático, no mais último grau de paranoia, irá negar a humanidade daqueles que se colocam entre ele e sua alucinação. Percebe-se junto a isso a existência de um certo coro e ritmo repetitivo que ecoa sua imaginação inflamada e empatia tolhida. Uma espécie de retórica capaz de moldar homens bombas, revolucionários terroristas, multidões raivosas alimentadas por uma agenda anti-qualquer coisa. Uma fala cujos refrões são persistentes e hegemônicos. Esse é o tipo de repertório percebido por Winston, protagonista da obra 1984 de Orwell, ao analisar a fala de Syme, um fervoroso membro do Partido. Para Winston, 'o que falava não era o cérebro de um homem, era sua laringe. O material que ele produzia era formado por palavras, contudo não era fala no sentido lato: era um ruído emitido sem a participação da consciência, como o grasnado de um pato.’”
(BROD, 2019)

Incel

Imagem 07: Montagem que Incels fizeram para homenagear Elliot Rodger, responsável pelo massacre de Isla Vista | fonte: <http://www.wehuntedthemammoth.com/2017/05/23/reddit-incels-celebrate-misogynist-mass-murderer-elliott-rodger-on-saint-elliots-day/>



Os dois séculos analisados por Bianchi demonstram argumentos com ideologias muito parecidas, sempre baseados no moralismo, na religião e no nacionalismo. Portanto, é fácil afirmar que teóricos que influenciaram o pensamento fascista no século XX continuam influenciando fortemente os movimentos atuais.

“O Brasil vive até hoje, ainda sob essa aura malévola, mas essa aura da escravidão, do colonialismo, do patriarcalismo, o Brasil não se livrou disso ainda”
(BARBOSA, 2018)


As teorias raciais foram criadas por causa da queda do feudalismo, uma vez que, a justificação divina para a divisão das classes perdeu seu sentido. Então para sustentar a ideia da superioridade do homem branco foi necessária uma nova filosofia. Seus principais autores foram: Francis Galton (1822-1910), autor de *Darwinismo Social*, no qual ele utiliza o determinismo genético para justificar o destino de cada indivíduo. Arthur de Gobineau (1816 - 1882) que escreveu *Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas* onde ele defendia que a miscigenação seria a causa da destruição humana. Essas ideias fizeram muito sucesso no Brasil e nos Estados Unidos, mostrando que a pseudociência e o obscurantismo sempre tiveram espaço por aqui. Especialmente quando ele é utilizado para justificar a desigualdade social e a luta de classes.

Esses governos se beneficiam de uma extrema flexibilidade ideológica, como Glasius explicou em sua entrevista quando disse que eles utilizavam a linguagem democrática para reprimir minorias e críticas. Na ditadura militar quando eles chamavam torturas de interrogatórios, todos que questionavam o governo de terroristas, eles estavam utilizando dessa estratégia. Já no século XXI isso é feito como discurso que afirmam que o nazismo e o fascismo foram regimes socialistas, assim como quando se fala de gays de “convertendo” pessoas.

“O fascismo se nutre da destruição do diálogo. E um dos modos de destruir o diálogo é dar as palavras, sentidos que elas não tem!”

(CARDOSO, 2019)

Esse tipo de discurso tem um embasamento teórico vazio, já que eles utilizam as palavras com o sentido deslocados dando-lhes o significado que interessar no momento, comumente com o objetivo de amedrontar a população contra algum inimigo imaginário. Por isso, uma comunicação agressiva, constante e repetitiva é necessária.

 [...] one of the striking things I learned about Hitler is that he and the Nazis were constantly talking, constantly telling people their point of view, conditioning people to their point of view but I also notice this today, so we have Trump with his statements all the time on Twitter, in Europe we have politicians giving, one of them gives three speeches a day, other are constantly out there and that's part of how social media elects them, communicate personally to so many people [...] ³
(EDDY, 2019)

Bill Eddy, autor do livro “Why Do We Elect Narcissists And Sociopaths...And How We Can Stop!” ⁴, em uma entrevista ao podcast “Psychology In Seattle” ⁵, discorre sobre um tipo de personalidade que ele classifica como *High Conflict Personality* ⁶ (HCP), usando o presidente Trump como exemplo. Em sua pesquisa

³ Uma das coisas mais surpreendentes que eu aprendi sobre Hitler é que ele e os nazistas estavam constantemente falando, constantemente falando para as pessoas seu ponto de vista, condicionando as pessoas para o seu ponto de vista, mas eu também percebi isso hoje, Trump com suas declarações o tempo todo no Twitter, na Europa nós temos políticos dando, um deles três discursos por dia, eles estão constantemente se mostrando, e em parte isso é como as redes sociais elegem eles, se comunicando diretamente com muitas pessoas[...]

ele verificou que quem possui esse tipo de personalidade fala cerca de 10 vezes mais do que os outros candidatos e como isso ajuda eles a serem eleitos. Mas ele coloca como é preciso desenvolver novas estratégias para combater esse tipo de candidato. Como por exemplo uma candidata na Europa, que não possuía esse tipo de personalidade e ganhou as eleições usando essa mesma metodologia de estar sempre se comunicando com o eleitorado, mas sem esvaziamento teórico. Com um time que respondia e publicava mensagens realistas com a mesma frequência e com a mesma ênfase que seu concorrente HCP, ela foi eleita.

[...] when you just have one voice, people believe that voice, when you have many voices, people are more likely to figure out what the reality is, what the truth is, and what the best approach is.⁷
(EDDY, 2019)

⁴ *Porque elegemos narcisistas e sociopatas...e como podemos parar!*

⁵ *Psicologia em Seattle*

⁶ *Personalidade altamente conflituosa*

⁷ *[...] quando voce tem apenas uma voz, as pessoas acreditem nessa voz, quando voce tem muitas vozes, as pessoas provavelmente conseguirão descobrir qual a realidade, qual é a verdade, e qual a melhor abordagem.*

Contas nas redes sociais relacionadas a fans de K-pop, um estilo musical coreano que tem atraído milhares de jovens no mundo inteiro, estão sendo um bom exemplo de novas maneiras de combater a opressão desse tipo de regime com novas estratégias. Durante os protestos que invocam pela punição de todos os policiais que matam negros nos Estados Unidos cotidianamente, chamado de *Black Lives Matter*, as policiais locais pediram para os cidadãos compartilharem vídeos dos protestos para que seus participantes sejam presos, eles seriam enquadrados na lei antiterrorismo com penas severas. Páginas foram criadas para que essas denúncias fossem feitas e hashtags em redes sociais. Assim como hashtags contra o movimento chamadas *All lives matter* ou *White lives matter* também foram criados. Então as páginas desses fans clubes usaram essas *hashtags* e entraram nessas páginas e as poluíram com vídeos e fotos de seus ídolos, para assim ser praticamente impossível acompanhar as denúncias que se perdiam no meio de tantas postagens. A página da polícia saiu do ar no dia seguinte. Novas ferramentas são necessárias para combater o autoritarismo do século XXI.



*Imagem 08: Foto do protesto
Balck Lives Matter | fonte: [https://
thepatriotictimes.com/catholic-
teacher-fired-after-opposing-
domestic-terrorism/](https://thepatriotictimes.com/catholic-teacher-fired-after-opposing-domestic-terrorism/)*



*Imagem 09: Foto do protesto
Balck Lives Matter | fonte: [https://bangordailynews.
com/2020/06/05/news/more-
than-2000-turn-out-for-latest-
portland-anti-racism-rally/](https://bangordailynews.com/2020/06/05/news/more-than-2000-turn-out-for-latest-portland-anti-racism-rally/)*

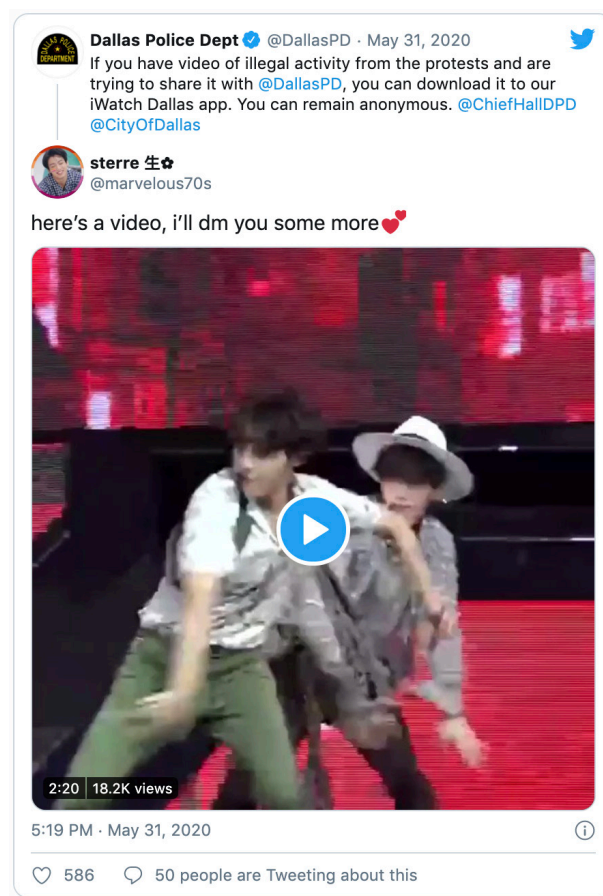


Imagem 10: Postagem de fans de K Pop no lugar de denúncias para polícia ⁸ | fonte: <https://edition.cnn.com/2020/06/04/us/kpop-bts-blackpink-fans-black-lives-matter-trnd/index.html>

⁸ Departamento de polícia de Dallas: Se voce tem um vídeo de atividade ilegal dos protestos e esta tentando compartilhar com nós, voce pode coloca-lo no nosso aplicativo iWatch Dallas. Sera anônimo.

Sterre: Aqui um vídeo, vou te mandar mais.

Políticas de tribo

O ponto de vista político social não é um contexto difícil de ser compreendido, uma vez que, é um caminho muito similar ao traçado no século anterior, que já foi vastamente estudado por diversos sociólogos e historiadores. Mas a questão sobre como é possível a intolerância ganhar tanta força depois do holocausto, da ditadura militar e muitos outros horrores que governos intolerantes já causaram ao mundo. Em filmes, séries, livros, essa história já foi contada extensivamente e todos concordam com os horrores que aconteceram. Então como isso pode estar acontecendo de novo? São ideologias antigas com uma roupagem moderna.

Imagem 11: Evento a Ku klux klan em 2011 | fonte: <https://veja.abril.com.br/mundo/lider-da-ku-klux-klan-e-acusado-de-atacar-manifestantes-nos-eua/>



Klan

[-] **thebillstone** 6 points 4 hours ago

I prefer Ted Bundy myself. He disciplined a shit load of stuck up picky yuppie cunts.

But if Elliot made it into that sorority house (just blow the lock off with the gun or wait until one enters the house and take her hostage to get inside?), he would had been a true legend. Sorority girls epitomize every negative female trait - completely bereft of virtue. No one really has empathy for sorority sluts, that is why so many horror slasher films in the 80s always involved sorority sluts getting butchered. Kind of cliché to kill sorority girls considering how many slasher films are out there involving dismembering sorority sluts.

Imagine the sorority sluts' families reactions if they were butchered by Elliot. "Oh she was so intelligent, kind, and volunteered at a shelter, wanted to be a doctor, and anally took numerous Chads in many frats. Blah blah blah ..." The families all say the same generic thing, it's like they are reading off a script. I guess you have to read off a script when the person you are referring to is a generic fucking evil waste of life with a cookie cutter personality who tries to be perfect by "helping" the needy to appease her vanity.

[permalink](#) [embed](#) [save](#) [report](#) [give gold](#) [reply](#)

Imagem 12: Postagem em um fórum de Incels⁹ | fonte: <http://www.wehuntedthemammoth.com/2017/05/23/reddit-incels-celebrate-misogynist-mass-murderer-elliott-rodger-on-saint-elliotts-day/>

⁹ Pessoalmente eu prefiro Ted Bundy. Ele disciplinou muitas vadias exigentes arrogante patricinhas.

Mas se Elliot tivesse entrado na casa de uma irmandade (apenas atirar na fechadura com a arma e levar as reféns para dentro?), ele seria uma verdadeira lenda. Garotas de irmandades resumem todos os traços negativos femininos - completamente sem virtude. Ninguém tem de fato empatia por esse vadias da irmandade, é por isso que muitos filmes de terror nos anos 80 envolvem elas sendo mortas. É um clichê matar garotas de irmandade considerando quantos filmes de terror envolvem desmembrar vadias de sororidade.

Imagina a reação das famílias das vadias da sororidade se elas fossem assassinadas por Elliot. "Oh ela era tão inteligente, boa, e voluntariava em um abrigo, queria ser médica, e analmente teve muitos Chads (gíria que os Incels usam para se referir a homens atraentes) em muitas fraternidades. Bla, bla, bla..." As famílias todas dizem coisas genéricas, é como se elas estivessem lendo de um roteiro. Eu acho que você tem que ler de um roteiro quando a pessoa da qual você está se referindo é um desperdício genérico, mau de vida com uma personalidade gentil que tenta ser perfeita "ajudando" os necessitados por vaidade.

Ideologias que tentam negar os direitos das minorias, em muitos casos incluindo o direito de existir. Como esse tipo de pensamento é capaz de mover multidões ao redor do mundo? Elas se sentem no direito de se expressar com extrema violência e com um senso de virtuosidade em suas ações alarmante. É possível ver o crescimento dos crimes de ódio contra as minorias, a Ku Klux Klan votou a se manifestar, inclusive ganhando homenagens como o protesto do 300 do Brasil em Brasília, os Incels estão ganhando força e notoriedade se tornando cada vez mais agressivos. Páginas com conteúdos misóginos, homofóbicos e racistas ganham milhares de seguidores. A internet deixou de ser o esconderijo desses indivíduos ensandecidos e eles estão saindo as ruas.

“Assim, uma das vantagens de ser um extremista é a agradável sensação de poder fingir que 'o mal inteiro está em seus inimigos e toda bondade do mundo está em você', ironiza Cleese.”
(BROD, 2019)

Para Brod, isso se trata de algo que ela chama de "*política tribal*", que alimenta paixões violentas ao mesmo tempo que enfraquece ideais democráticos. Afinal é uma política baseada em grupos, onde pessoas com pensamentos parecidos se unem contra um ou alguns inimigos em comum, o qual eles responsabilizam por todos os problemas sociais. A legitimização dos discursos tribais, com o apoio ou eleição de pessoas que reforçam esse tipo de política, fortalece a parcialidade de apenas um ponto de vista. Na democracia existe o preceito de que uma questão pode ser vista de diversos ângulos e um consenso deve ser alcançado entre eles. Esse princípio é abandonado da política tribal, visto que, apenas um julgamento é levado em conta favorecendo a parcialidade de uma tribo. Dessa forma as diferenças são sempre enrijecidas enquanto os ideais de liberdade individual e igualdade enfraquecem.

A autora também discorre sobre algo que chama de "*instinto tribal*", ele clama por inimigos externos para garantir a unidade entre seus membros. Isso pode ter consequências desastrosas para muitos, inclusive para seus próprios membros, como por exemplo o que ocorreu em Jonestown, um culto criado por Jim Jones que resultou na morte de 900 de seus membros em um suicídio coletivo motivado por medo de um inimigo externo que viria destruir sua maneira de viver.

“Um dos efeitos ricochete da agenda identitária 'cuja incansável repreensão, insulto e intimidação podem ter causado mais danos do que benefícios' foi, segundo Chua, fortalecer grupos extremistas reacionários anti-imigração, defensores da supremacia branca e anti-minorias. Ao que tudo indica, as ideias impulsionadas pelo Iluminismo: liberdade individual, secularismo, tolerância e pluralismo não foram capazes de satisfazer os instintos primitivos de clã. E quanto mais complexo o mundo se torna, mais sedutor o tribalismo nos parece.”
(BROD, 2019)

Líderes do mundiais tem realizado o seu governo de acordo com a política tribal, a partir de falas e atos iliberais e autoritários. A intolerância esta constantemente presente em seus discursos:

“Fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles”
(BOLSONARO, 2017)

“Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”
(BOLSONARO, 2017)

"As instituições piraram nesta nação. Mas há uma instituição que não pirou. E esta nação só pode contar com essa instituição agora. É a igreja de Jesus. Chegou a nossa hora. É o momento de a igreja ocupar a nação. É o momento de a igreja dizer à nação a que viemos. É o momento de a igreja governar.”
(DAMARES, 2016)

"Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós.”
(BOLSONARO, 2020)

“A mulher nasceu para ser mãe. Também, mas ser mãe é o papel mais especial da mulher. A gente precisa entender que a relação dela com o filho é uma relação muito especial. E a mulher tem que estar presente. A minha preocupação é: dá pra gente ter carreira, brilhar, competir, consertar as bobagens feitas pelos homens. Sem nenhuma guerra, mas a gente conserta algumas. Dá pra gente ser mãe, mulher e ainda seguir o padrão cristão que foi instituído para as nossas vidas”

(DAMARES, 2018)

“Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (BOLSONARO, 2011)

“Black people are too stupid to vote for me” (TRUMP)

“I will build a great, great wall on our southern border, and I will have Mexico pay for that wall. Mark my words.”
(TRUMP, 2015)

“If he is blue collar, he is likely to be drunk, criminal, aimless, feckless and hopeless, and perhaps claiming to suffer from low self-esteem brought on by unemployment.”

(JOHNSON, 1995)

Regina Duarte, ex-ministra da educação, em uma entrevista logo após as eleições de 2018 afirmou que essas falas do então recém eleito presidente eram “*brincadeiras da boca para fora*”. Mas a preocupação que muitos demonstraram com esse eleição mostravam que não eram uma brincadeira, especialmente considerando que o Brasil já era o país que mais assassinava LGBTQI+’s no mundo, pesquisas mostravam o aumento da violência e dos crimes de ódio. E durante o seu governo esse receio se mostrou válido com o genocídio vem afligindo as tribos indígenas.

“Uma jornalista esfaqueada e ameaçada de estupro. Um carro jogado em cima de um jovem com camiseta do Lula que conversava em frente ao bar com os amigos. Uma jovem presa e agredida, jogada nua em uma cela da delegacia. Outro jovem recebe um adesivo colado à força nas suas costas, com um tapa, e depois recebe uma rasteira para cair no chão.”
(MACIEL, 2018)

Durante as eleições o comportamento tribal se tornou violento e cotidiano. Seus alvos eram minorias ou opositores de qual fossem as crenças políticas do agressor. Contudo, de acordo com estudo realizado pela Agência Pública, agência de jornalismo investigativo, dos 70 ataques efetuados durante sua pesquisa, 64 desses ataques tiveram apoiadores do Bolsonaro como responsáveis. Fatos que demonstram que essas palavras e ideias expressas pelo en-

tão presidente e seu ministros, não podem ser vistas apenas como “*brincadeiras da boca para fora*”. Afinal Glasius chama essas atitudes em sua pesquisa de iliberais, ou seja, quando um governo incentiva verbalmente a agressão contra certos grupos da população, episódios que não podem ser considerados brincadeiras.

“Amós Oz clama por uma educação que nos ensine sobre o fanatismo, que nos instrua a evitar as armadilhas desta prática que embala o indivíduo no auto-esquecimento e nesta 'atração especial, um gosto especial pelo kitsch'. Em um mundo onde as interações são ampliadas na tridimensionalidade das plataformas digitais, em que as ideias contagiam e infectam com amplo alcance sugestionando as mentes que votam e escolhem líderes, cabe perguntar: que espécie de ideias estamos proliferando? As redes sociais constroem pontes, mas também proporcionam a retroalimentação fanática: o *two minutes hate* orwelliano na palma das mãos. Como difundir a tolerância e ampliar a imaginação? Por que se aceitou como virtude, uma virtude preguiçosa, a política identitária?”
(BROD, 2019)

Para compreender como a intolerância e o ódio estão movendo multidões, sob um ponto de vista psicológico, do que nos faz tão vulneráveis como indivíduos ao instinto tribal, dois autores foram essenciais: Donald Winnicott (1896 - 1971) que foi um pediatra e psicanalista e sua pesquisa foi voltada ao conceito do self e do falso self. E Raoul Vaneigem (1934 -) que foi um escritor e filósofo, além de articulador do movimento situacionista nos anos 60.

“Acho que a agressividade é sempre uma insatisfação da pessoa com a sua própria capacidade de argumentar. A pessoa que não consegue articular um pensamento ela agride. A agressividade assim, ela é filha da infelicidade, né? Eu lamento. Eu não me sinto atingido porque sinto que não é a mim que aquele ódio se dirige, se dirige a um inimigo imaginário, a uma presença paterna opressora. É isso que eu sinto que é, é uma infelicidade pessoal, que quando se congrega num número muito grande de pessoas, produz o fascismo. O fascismo é um fenômeno psicológico, não é um fenômeno apenas político.”
(CARDOSO, 2019)

Winnicott dedicou sua pesquisa ao estudo do *self*, que resumidamente seria a imagem unificada que cada um tem de si e do mundo externo. Para isso ele pesquisou sobre o brincar e como esse ato permite o desenvolvimento de nossa criatividade, consequentemente o nosso autoconhecimento e a formação do nosso *self*.

Quando ele se refere ao termo brincar não se trata de uma questão exclusivamente infantil, ela pode ser adulta também, se manifestando através de uma escolha de palavras, na inflexão da voz e no senso de humor. “*O natural é o brincar*” ao mencionar Milner (1952), Winnicott relaciona o brincar das crianças com a concentração dos adultos.

Outro ponto importante de seu livro é uma análise sobre como o brincar perdeu sua característica criativa e espontânea e se tornou uma pré-formatação que anula qualquer criatividade envolvida no processo. Ela se tornou então um manual de instruções a ser sistematicamente seguido.

[...] uma meninazinha com diversos outros irmão e irmãs mais velhos, sendo ela a mais jovem. A essas crianças permitiu-se que tomassem conta de si mesmas, em parte porque pareciam capazes de divertir-se e organizar seus próprios brinquedos, além de cuidar de si mesmas com enriquecimento sempre crescente. A filha mais nova, contudo, descobri-se num mundo que já estava organizado antes mesmo que chegasse ao convívio das demais. Muito inteligente conseguiu adaptar-se numa base de submissão. As brincadeiras lhe eram insatisfatórias porque estava simplesmente numa situação de luta, tentando representar qualquer papel que lhe fosse atribuído;
(WINNICOTT, 1971)

O brincar

Nesse trecho do livro *O Brincar e a Realidade* o psicanalista, exemplifica como a brincadeira se tornou algo engessado e uma força opressora. Uma vez que, a criatividade não é mais necessárias já que devemos percorrer pelos caminhos que foram traçados pelos que vieram antes de nós. O que significa que não passamos mais por um processo de autoconhecimento e formação individual, mas sim por um processo de encaixe em um padrão pré-moldado e escolhido por outros.

“Seu meio ambiente da infância parecia incapaz de permitir que ela fosse amorfa, mas, tal como ela o sentia deveria modela-la e recorta-la em formas concebidas por outra pessoas.”
(WINNICOTT, 1971)

O resultado dessa deficiência criativa é uma sociedade industrializada, na qual há apenas a reprodução de pessoas iguais, com pensamentos e crenças iguais, porém vazias. É como se as pessoas fossem todas colocadas em uma esteira de produção em massa, onde são produzidos diversos clones e a individualidade de cada um não existisse. Uma sociedade massificada e uniforme é muito útil para governos autoritários e para o capitalismo, pois facilita a manipulação e o controle social, uma vez que a população fica mais suscetível as políticas tribais, e elas reforçam uma união através do combate de um inimigo em comum o que também os torna mais sucessíveis a manipulação.

Em um episódio da série *Black Mirror*, o *Nosedive*, dentro de suas realidades distópicas uma sociedade é representada como uma realidade possivelmente apavorante. Nela todos são constantemente avaliados em uma rede social muito similar ao Instagram, mas com um sistema de notas parecido com o da Uber que avalia seus usuários de 1 a 5 estrelas, todos as interações sociais são avaliadas. Além disso, sua nota determina o seu estilo de vida, uma vez que, certas notas te proíbem de entrar em certos lugares ou até de pegar um voo. Consequentemente existe uma pressão para que você seja o seu melhor o tempo todo.

Ou seja, é uma sociedade superficial, na qual todos usam fantasias no cotidiano, e por isso Charlie Brooker optou por utilizar tons pastéis no episódio, tornando essa realidade quase estéril de tão perfeita e limpa. Recurso frequentemente utilizado no cinema para representar esse tipo de sociedade. Ele também foi utilizado por Tim Burton em *“Edward mãos de tesoura”* (1990) quando ele quis retratar um subúrbio superficialmente perfeito. Entretanto, é um lugar onde ninguém diz o que realmente quer ou é autêntico, pois tudo que sai do padrão se torna objeto de medo ou ódio da comunidade.

*Imagem 13: Cena de Edward
Mãos de Tesoura | fonte: [https://
listeningtothepixies.tumblr.com/](https://listeningtothepixies.tumblr.com/)*



Superficial



*Imagem 14: Cena de Nosedive
em Black Mirror | fonte: [https://i.
pinimg.com/originals/0f/27/
d4/0f27d4579e8e6d2ba12a8e8df2a845.
jpg](https://i.pinimg.com/originals/0f/27/d4/0f27d4579e8e6d2ba12a8e8df2a845.jpg)*

No episódio acompanhamos a história de Lacie que esta sempre em busca de um ranking melhor até que uma oportunidade de ganhar muitos pontos entre pessoas influentes surge. O peso da avaliação delas é maior porque elas tem mais pontos. Mas durante o episódio uma série de acontecimentos faz com que seu ranking desça tanto a ponto dele ser presa. Enquanto ela esta na cadeia finalmente consegue se desprender da necessidade de agradar a todos e por isso é a primeira vez que ela expressa emoções genuínas durante o episódio. Dessa maneira, na prisão ela e outro prisioneiro se encontravam mais livres do que qualquer outra pessoa naquele mundo.



Imagem 15: Cena de Nosedive em Black Mirror | fonte: <https://beethovenmj.tumblr.com/post/152850674119/mjd-black-mirror-nosedive-ending>

Liberdade



Imagem 16: Cena de Nosedive em Black Mirror | fonte: <https://beethovenmj.tumblr.com/post/152850674119/mjd-black-mirror-nosedive-ending>

Esse episódio discute o falso *self* que criamos, uma concepção falsa a qual fabricamos de nos e do mundo ao nosso redor, que era exatamente o que Lacie fazia consigo. Ela acreditava que com uma pontuação melhor ela conseguiria as coisas que desejava, mas não precisava. Para assim atingir um certo status o qual finalmente a permitiria ser feliz. Entretanto como ela poderia ser feliz sem saber quem ela era e o que ela precisava genuinamente? Até que ela foi retirada da sociedade e obrigada a se desprender do delírio coletivo.

Mas como podemos desenvolver um *self* real quando não temos a chance de nos conhecermos? Enquanto apenas seguimos instruções ficamos presos em uma história e em uma pessoa que não conhecemos. E sem a oportunidade de criativamente desenvolver um *self* ficamos com um sentimento de vazio e irrealidade dentro de nós. E essa sensação que nos coloca em uma posição vulnerável aos radicalismos da política de tribos. Pois a tribo permite que esse sentimento de vazio seja ilusoriamente preenchido e é muito fácil esquecer sua individualidade quando você nunca a conheceu.

Como já indiquei, é necessário considerar a impossibilidade de uma destruição completa da capacidade de um indivíduo humano para o viver criativo, pois, mesmo no caso mais extremo de submissão, e no estabelecimento de uma falsa personalidade, oculta em alguma parte, existe uma vida secreta satisfatória, pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano. Por outro lado, permanece a insatisfação em virtude daquilo que esta oculto, carente por isso mesmo do enriquecimento propiciado pela experiência do viver.

(WINNICOTT, 1971)

Essa realidade já não pode ser considerada uma distopia. Na China o governo começou um sistema chamado de “*social credit*”, através do qual o governo, com uma metodologia desconhecida do público, dá créditos aos seus cidadãos de acordo com seu comportamento. Esses pontos podem desde te dar benefícios para conseguir alugar imóveis e descontos na sua conta de luz, como podem te proibir de comprar passagens aéreas e seus filhos de serem matriculados nas melhores escolas. Esse sistema é extremamente autoritário, afinal como Glasius aponta, a falta de transparência e repressão de críticas são características importantes desses governos. E esse sistema não é nem um pouco transparente, ou seja, críticos do governo, mesmo que com comportamentos exemplares, provavelmente não poderão comprar uma passagem de avião.

Essa vulnerabilidade ao instinto de tribo é o mesmo sentimento do pós guerra de nação versus anti-nação, ou seja, tudo que esta fora do corpo conceitual do que deveria ser o padrão deve ser combatido ou eliminado.

O duckspeak de Orwell remete a aquilo que Gustave Le Bon, autor da obra Psicologia das Multidões, denominou de 'apagamento da personalidade'. Para Le Bon, 'a personalidade consciente desvanece-se e os elementos e as ideias de todas as unidades são orientados numa direção única'. Ou seja, a individualidade é diluída em uma crença geral, em que os sentimentos aflorados são simples e exagerados. O indivíduo, perdido na sensação embriagante de pertencimento a algo maior do que sua ínfima subjetividade, é incapaz de graduações, por isso aceita ou recusa opiniões em bloco. Nas palavras do autor, 'libertam-se do sentimento da sua nulidade e da sua impotência' e afundam na conformidade. O sentimento extremado propaga-se por sugestão e contágio e é fortalecido pela aprovação geral que suscita. Além do duckspeak e o auto-esquecimento, há ainda a ausência de responsabilidade nos atos violentos, o que leva o indivíduo a cometer ações primitivas que ele jamais cometeria caso estivesse isolado. (BROD, 2019)

O desenvolvimento do falso *self* pode apresentar resultados desastrosos como o caso de Marguerite Anzieu e Huguette Duflos, relatado por Vladimir Safatle em seu livro *Introdução a Jacques Lacan*. A primeira se tornou paciente de Lacan após esfaquear a segunda, que era atriz. Marguerite nasceu no campo em uma comunidade conservadora, onde teve seu papel como mulher imposto a ela, onde teve que se submeter a ele desenvolvendo um falso *self*. Porém ao se mudar para a cidade e ver mulheres como sua vítima que desfrutavam da liberdade, do poder e da intelectualidade que ela não possuía, elas se tornaram objeto de seu ódio. Afinal ver essas mulheres desfrutando de uma individualidade que ela nunca pode ter, já que quem ela deveria ser foi imposto a ela.

“A pessoa que odeia, sem razão, alguma razão tem. Porque sempre tal cidadão se alegra de tanto odiar. Deve ser compensação, por ter tido que adorar, só por pura educação, a quem talvez o fez sangrar.”
(CARDOSO, 2019)

O poema citado por Pedro Cardoso em uma entrevista tem uma conexão direta com o caso de Marguerite, da mesma forma explica a fonte da intolerância que alimenta o ódio contra minorias. Se sujeitar aos padrões que são impostos tem como consequência abrir mão da individualidade ou até nunca se dar conta de que ela pode existir. E ao ver pessoas que por algum motivo não se estão dentro do padrão desfrutando um senso de identidade que é im-

possível para você, isso se torna uma fonte de frustração. O que de novo torna as pessoas extremamente suscetíveis a comprarem o discurso de nós contra eles.

[...] os tipos ideias que determinam o desenvolvimento da personalidade de Marguerite, os mesmos tipos contra os quais ela se volta em seus delírios de perseguição: ‘mulheres de letras, atrizes, mulheres do mundo, elas representam a imagem que Aimée concebe da mulher que, em algum grau, goza da liberdade e do poder social (...) A mesma imagem que representa seu ideal é também seu objeto do ódio
(SAFATLE, 2017)

Entretanto vivemos em uma sociedade na qual existe uma hierarquia baseada em gênero, etnia, sexualidade e religiosidade. E ninguém escolhe dentro de qual lugar da pirâmide vai nascer. Portanto se você não nasce como um homem, branco, hetero, cis e cristão, o padrão que você deve seguir é o de aceitar um papel secundário na sociedade. Por isso que para minorias questionar esses caminhos pré estabelecidos é mais fácil, pois encaixar-se significa ser coadjuvante da própria vida. Enquanto para os que estão no topo da hierarquia é quase que natural aceitar seus instintos de tribo para se voltarem aos que não aceitam seus devidos papéis. Winnicott não considera essas questões em sua tese, mas ela ainda é aplicável.

“É através da percepção criativa, mais do qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e esta associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade [...]”

(WINNICOTT, 1971)

Winnicott fala de uma vivencia criativa que libertaria as pessoas desse modo vazio de viver, mas esquece da tensão que isso causa. Os que lutam para usufruir de sua individualidade entram em conflito com os que ainda estão presos nos papéis lhes foi apresentados. Satisfate exemplificou esse estresse com o caso de Marguerite. Viver em uma sociedade na qual o sistema foi feito baseado na hierarquia que coloca o homem branco no topo dela, não é tão simples aceitar quando se esta na base dela. Uma vez que, é necessário aceitar um papel secundário socialmente, o que significa aceitar diversas injustiças que podem chegar ao extremo que perder suas vidas gratuitamente, sem que ninguém responda por isso.

A morte de George Floyd em Minneapolis no dia 25 de maio de 2020 foi o estopim para uma série de protestos mundiais pedindo para

que parassem de matar pessoas negras apenas por causa da cor de suas peles e principalmente para que seus assassinos respondessem por seus crimes. Essas ocorrências não são nem uma novidade nem algo incomum para a população negra. Mas eles cansaram de enterrar seus entes queridos porque eles estavam andando na rua com um capuz ou segurando um guarda chuva na mão. Nesse caso, as pessoas não estão encontrando seu *self* a partir da brincadeira como Winnicott esperava, mas sim a partir da dor.



Imagem 17: Foto Black Lives Matter | fonte: <https://domtotal.com/noticia/1452249/2020/06/o-impacto-do-black-lives-matter-na-cultura-mundial/>

Em um vídeo dos protestos nos Estados Unidos, uma mulher não identificada faz um discurso forte que demonstra esse cansaço:

“*Eu estou no meio da rua porque por mais de 300 anos tem sangue nessa rua, senhor! Porque você diz para nós sermos pacíficos se eles tem matado meus irmãos e minhas irmãs! Nós estamos sendo pacíficos, nós estamos aqui na grama. Porque eles estão aqui? É por causa deles (os policiais) que nós estamos aqui! Então por que eles estão aqui, senhor? Eu estou cansada de ser pacífica! Eu perdi três irmãos hoje senhor. Três! E isso não está certo! Eu estou machucada! Você não vê nos meus olhos que eu estou ferida? Todas as pessoas daqui estão feridas! Eu estou cansada disso Eu não vou ficar sentada aqui enquanto estão atrás da minha cor eu vou fazer algo a respeito. Os que virão depois de mim eles vão andar por essas ruas livres! Assim como todos os demais eles vão andar por esse ruas livres! Eu não vou ficar parada. Eu sou negra! Sou briguenta e sou forte! Juntos nós somos fortes! Sem justiça! Sem paz!*”

Black Lives



Imagem 18: Imagem do discurso | fonte: <https://www.facebook.com/165205036869225/videos/976363902781259>

Matter

Winnicott falha ao desconsiderar todos os vieses que nossa sociedade enfrenta antes de podermos discutir um viver criativo. Mas ele explica bem a mente dos intolerantes que aceitam seus papéis sociais por conveniência ou por automação e por isso sentem ódio dos que não os aceitam. Juntando isso com a teoria de Brod sobre os instintos tribais é possível compreender de certa forma a mente intolerante.

Para Eric Hoffer, o pensador estivador que estudou os movimentos de massa, embora haja diferença entre movimentos religiosos, políticos e nacionalistas, todos compartilham da mesma força motivadora geradora de entusiasmo. Homens com esperanças extravagantes aliadas a um descontentamento e frustração interna irão buscar em doutrinas, líderes e grupos uma fonte de poder, propósito e orgulho. O movimento é atrativo não porque 'satisfaz um desejo por autodesenvolvimento, mas porque satisfaz a paixão pela auto-renúncia'. Os adeptos extremistas tendem a olhar o auto interesse como impuro, corrompido e vil. Renascidos para uma nova vida em um corpo coletivo, suas cadeias de argumentos são máquinas de guerra que transformam homens comuns em carrascos abnegados, os quais Hoffer denominou de 'verdadeiros crentes'
(BROD, 2019)

Em *A arte de viver para as novas gerações*, Raoul Vaneigen foca no ato de viver como um ato político. Pois a vida que é esperada de nós socialmente é apenas sobrevivência ao se conformar com uma vida sem espontaneidade e criatividade. Para ele a conduta de não renunciar seus potenciais criativos em nome da conformidade em massa é uma forma de revolução. Sob a perspectiva de tribo, a conformidade em massa pode ser vista a partir da qual o indivíduo é definido antecipadamente, sem considerar suas ações e crenças, o que mata a espontaneidade da vida.

“Obediência voluntária, intolerância, agressividade, impulsividade mórbida, censura e pensamento conspiratório são alguns dos efeitos desta praga ancestral. Muitas vezes, pessoas bem-intencionadas acabam afugentando suas incertezas e frustração ao entregarem-se à uma causa maior. Conquistam um tipo de liberdade avessa, pois elas estariam, finalmente, livres da dúvida e de si mesmas. Por isso, a multidão, como escreve Le Bon, é 'destituída de espírito crítico'”
(BROD, 2019)

Vivemos baseados em regras inconscientes, que estabelece os papéis de cada um, como a mulher que tem o papel de cuidar, o homem de prover, etc. Esses papéis são designados aos indivíduos sem levar em consideração sua persona-

A rebeldia

lidade e suas ações, apenas quem eles são no exterior. E os que se recusam a se conformar a esse papel tem sua existência combatida veementemente pela sociedade.

“Ainda acho apesar do semelhante espanto dos opressores e oprimidos em face do colapso do velho mundo, que a emancipação individual e social é a única saída. Identificação com uma comunidade ética ou nacional, com uma religião, ideologia ou qualquer abstração não é nada além de ilusão encharcada de sangue. Há apenas uma identidade: a de homens e mulheres com o que há de mais vital humano neles.”
(VANEIGEM, 1967)

Vaneigem clama pela rebeldia de vivermos nossas verdades nos emancipando das amarras. Segundo Winnicott elas são os caminhos que somos obrigados a seguir traçados por nossos antepassados. Para ambos isso é um ato revolucionário por si só, para o primeiro revolucionário socialmente e para o segundo individualmente.

O escritor foi uma inspiração para muitos jovens, especialmente para um grupo conhecido como situacionistas. Eles eram uma vanguarda artística política que busca romper com a alienação cotidiana imposta pela vida capita-

lista em busca do prazer de viver ao invés da sobrevivência. Esse grupo apoiava diversos movimentos de identitários que questionassem o status quo, como por exemplos as revoltas das comunidades negras na década de 60.



Imagem 19: Da esquerda para a direita, os fundadores da Internacional Situacionista em Cosio di Arroscia (Itália): Giuseppe Pinot Gallizio, Piero Simondo, Elena Verrone, Michele Bernstein, Guy Debord, Asger Jorn e Walter Olmo | fonte: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/situacionismo-60-anos/>

Outro ponto muito criticado por esse grupo era a mercantilização cultural, que consiste em transformar a cultura, o lazer em uma mercadoria. Atitude que causa o esvaziamento de ideologias tornando-as rasas e sem força. Atualmente a militância é mercantilizada, marcas utilizam largamente as bandeiras de movimento identitários como estratégia de marketing, mas não trabalham para de fato melhorar a situação desses grupos dentro da sociedade, dizer que apoia esse movimentos se tornou uma forma de autopromoção. Os situacionis-

tas falavam que isso foi feito com a cultura e o lazer, por exemplo, a arte que se tornou algo exclusivo dos museus e galerias, ou o lazer que era direcionado ao consumo. A mercantilização desses elementos tem como resultado o esvaziando de seu significado político.

Na medida em que a cultura negra vai se transformando em uma cultura de consumo de classe média e essa classe média é branca sobre tudo, porque é quem tem mais recurso econômicos, os agentes dessa cultura evidentemente que são agentes que também vai se assumindo nesse mundo classe média branca, então essas mulheres estão cantando, dançando, fazendo filmes, estrelando, tão fazendo sucesso, virando celebridades, mas ela tendem a ser brancas.
(PRANDI, 2018)

Quando se trata de combater essas intolerâncias compreender o contexto político, social e econômico é essencial. Porém não é o suficiente para impedir que a história de repita, afinal isso está acontecendo, com a ascensão de diversos governos com características autoritárias e iliberais ao poder. O fenômeno da intolerância não se trata apenas de uma questão política, mas sim de uma questão de psicologia social. Quando essas ideias começam a ganhar força e esses políticos são eleitos parece que a sociedade é tomada por um delírio coletivo. E por isso compreender a fonte da intolerância dentro dos indivíduos é essencial para combatê-la.

Quando discursos vazios de embasamento teórico são utilizados ele precisam da agressividade que Bill Eddy aponta em sua pesquisa. *Fake News* são utilizadas para espalhar uma histeria coletiva. Não será na base da conversa que a intolerância será combatida, pois ela tem que tocar uma parte do inconsciente dos que a perpetuam e fazê-los encontrar com a sua humanidade e individualidade. Através da arte e da criatividade, como fizeram artistas durante a ditadura militar.

“Seu intento é especificar, no interior de produção contracultural, as estratégias da arte de guerrilha - ou do ‘projeto conceitualista’, na expressão de Artur Freitas - que reagiram à perda de direitos e à censura às artes, fruto do AI-5. Nesses anos de redefinição do papel das vanguardas na país, o artista - dizia em 1975 o crítico Frederico Moraes, que cunhou o termo ‘arte-guerrilha’- tornou-se ‘uma espécie de guerrilheiro’; ‘a arte, uma forma de emboscada’; e o espectador converteu-se em vítima, pois, sentindo-se acuado, viu-se obrigado ‘a aguçar e ativar seus sentidos’
(FABBRINI, 2013)

Winnicott analisa como a industrialização do ser humano nos obriga a desenvolver um falso *self*. Uma conceitualização falsa da nossa identidade e da sociedade que nos rodeia. Enquanto Vaneigem analisa como a alienação alimenta uma sociedade sem vida e espontaneidade. Os dois comentam sobre o vazio que isso causa dentro das pessoas, o que as torna vulneráveis a concordar e seguir políticas de tribo.

Mesmo que falhem em considerar os vieses que a nossa sociedade enfrenta, suas teses apontam para uma possível origem da intolerância dentro do psicológico das pessoas. E como elas se deixam levar pelo ódio que tem movido multidões ensandecidas ao redor do mundo.

Por isso, compreender essas questões ficou claro que combater a intolerância não se trata apenas de convencer alguém de algo. Mas sim de psicologicamente incitar essas pessoas a encontrarem sua criatividade e questionarem a realidade ao seu redor. Por isso trabalhar a intolerância sob o aspecto de apresentar esses grupos temidos sem obscurantismos de uma forma natural e verdadeira pode ser um caminho que começa a ser aberto para a maior humanidade.

“Comecei a acreditar que a beleza pode ser um comunicador muito poderoso de ideias difíceis. Ela envolve pessoas que, de outro modo, poderiam desviar o olhar.”
(CARROL apud MISRACH, 2018)

Diante disso, o fotolivro é uma maneira de mostrar diferentes realidades sob uma perspectiva diferente. Através de um estudo de linguagem da fotografia esse trabalho tem como objetivo representar elas de forma a combater a intolerância.

As fotos que foram utilizadas serão todas do dia da Festa de Ogum no terreiro Axé Ilê Oba. O objetivo era tirar fotos de diferentes grupos marginalizados, mas com a quarentena necessária para o combate da Covid-19, ficou impossível fotografar outros grupos.

“O candomblé tem uma grande responsabilidade cultural, ele foi o fornecedor, a fonte principal de muita coisa que veio a se constituir como elemento da cultura brasileira, a própria música, que tem muitas variantes, desde o samba de fundo de quintal até a bossa nova que inscreveu o Brasil no cenário internacional”
(PRANDI, 2018)

No dia que as fotos do terreiro foram tiradas, um membro do terreiro me explicou porque eles, diferente de muitos terreiros permitem que suas festas sejam fotografadas, especialmente se for para trabalhos acadêmicos. Pois o terreiro é tombado, e o seu reconhecimento como patrimônio histórico cultural foi possível pois haviam registro das atividades do terreiro desde que ele foi inaugurado, provando sua história e cultura na cidade de São Paulo. E desse forma eles conseguirão manter tudo isso para as próximas gerações. Ele contou como terreiros que não permitem a fotografia e a iniciação de novos membros estão morrendo no esquecimento e estão sofrendo muito com ataques.

Quem sabe o caminho continue a ser aberto para que o candomblé seja reconhecido por seu papel essencial na formação da cultura nacional. Assim como, possa abrir caminho para que outros grupos e culturas sejam aceitos como parte do que compõe o país ao invés de inimigos a serem combatidos por lutarem por seu espaço.

“Muda de agente, quer dizer sai o jornal, sai a delegacia e entra em cena a igreja evangélica, porque a igreja evangélica ela cresce exercendo uma prática de opor sempre o bem ao mal, onde ela representa o agente do bem, quem é o agente do mau? Ela tem que escolher alguém para representar o mau. Toda religião escolhe uma outra religião, como seu opositor, igreja evangélica tentou fazer isso, lembra quando houve a história do chute na santa? Deu um grande buchicho, mas não deu muito certo, então era melhor mesmo ficar perseguindo os terreiros”
(PRANDI, 2018)

POR QUE O F

Estudos sobre fotografia

O fotolivro

*“Normalmente o tema principal da imagem não é o tema da obra
(CARROL apud HORN, 2018)*

O fotolivro consiste em um livro que tem como assunto principal a fotografia. É uma maneira do fotógrafo apresentar seu trabalho. Ele existe a tanto tempo quanto a fotografia desde que fotógrafos colavam suas fotos em albums ou livros tentando formar uma narrativa visual. Elas geralmente são construídas com o trabalho de um fotógrafo, um editor e um designer gráfico. As histórias se encerram dentro do livro. Diferente de um portfólio ou catálogo.

*“Um fotolivro é uma forma de arte autônoma, comparável a uma escultura, uma peça ou um filme. As fotografias perdem sua característica fotográfica individualmente considerada e se tornam partes — traduzidas em tinta de impressão — de um evento dramático chamado livro.
(SHANNON apud PRINTS, 1989)*

FOTOLIVRO?

A diferença entre um fotolivro e outros livros de fotografia está na sua intenção. Com o investimento no formato, design, estética e mecanismo do livro. O que não necessariamente é sinônimo de sofisticação. *Twentysix Gasoline Stations* de Ed Ruscha é um livro que busca o banal, se trata de uma publicação impressa em papel comum para ser vendida com um preço baixo. Assumindo um posicionamento político de democratização da arte. Demonstrando intenção, narrativa visual e atenção à forma.

A fotografia, libertou os pintores do Realismo visto que ela substituiu o papel do artista como retratista, logo eles se encontravam com mais liberdade para formar as vanguardas. Para Barthes em *A câmera clara* esse papel que a fotografia assumiu foi de certa forma prejudicial a ela. Uma vez que ela é vista como um retrato fiel da realidade, mas não é bem assim.

“Quando você coloca quatro bordas em torno de alguns fatos você muda esse fatos (CARROL apud WINOGARD, 2018)”

Ele analisa a fotografia sob um ponto de vista semiótico e questiona se pode ela de fato ser vista como um retrato inócuo da realidade ao invés da perspectiva do fotógrafo relacionada ao o que o objeto retratado deseja mostrar e seu instrumento. Nas palavras de Harley Weir *“Fotografar pessoas, é uma colaboração, mesmo um jogo de três, sendo a câmera o terceiro.”*

“*Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga, aquele de que ele se serve para exhibir sua arte.*”
(BARTHES, 1979)

Com o passar dos anos o desenvolvimento do fotolivro revelou seu potencial narrativo e gráfico, deixando de ser apenas um compilado de fotos para se tornar um projeto gráfico complexo com uma narrativa concisa. Segundo Gerry Badger, fotógrafo, arquiteto e crítico de fotografia, fotolivros são importantes para a fotografia pois eles apresentam a possibilidade dela ser uma arte seriada, como o cinema, onde há uma narrativa e o fotógrafo é o narrador da história.

“*Ou seja, não seria a fotografia, em essência, uma arte literária, uma arte em que o fotógrafo não é propriamente um manipulador de formas no interior da moldura fotográfica, mas antes um narrador que se vale de imagens em vez de palavras, alguém que conta uma história?*”
(BADGER, 2015)

Em nenhum momento ele diminui a importância da qualidade formal de uma fotografia por si só, mas comenta sobre a possibilidade de contar uma história que não necessariamente é estática e presa em uma única imagem. Dessa forma seu poder narrativo é ampliado. Um dos primeiros fotolivros que exploram esse potencial é o *American photographs* (1938), de Walter Evans. Ao mesmo tempo ele discute o fato da fotografia como uma arte que não precisa ser apenas documental ou um acessório as "reais" artes.

“*Fotografia é a arte mais fácil, o que talvez a torne a mais difícil.*”
(CARROL apud MODEL, 2018)

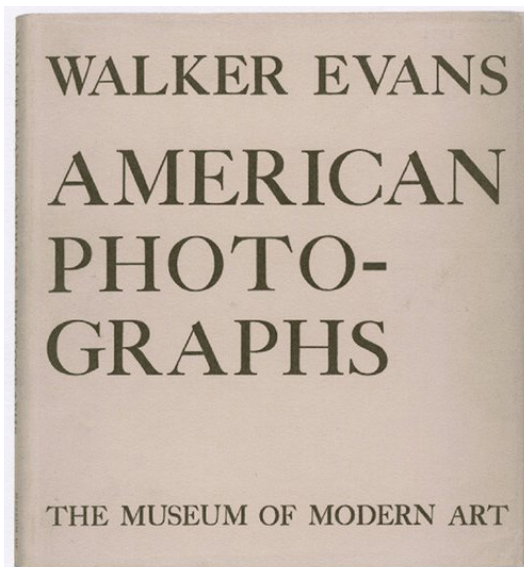


Imagem 20: Livro American Photographs | fonte: <https://www.amazon.co.uk/Walker-Evans-American-Photographs-Books/dp/1935004026>

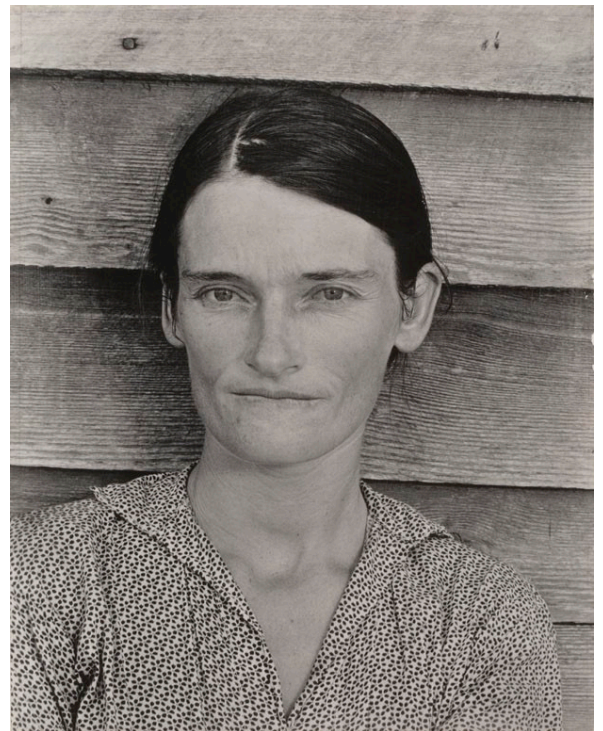


Imagem 21: Alabama Cotton Tenant Farmer Wife, 1936, foto do livro American Photographs | fonte: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2013/07/walker-evans-moma-american-photographs.html>

Imagem 22: Parked Car, Small Town Main Street, 1932, foto do livro American Photographs
| fonte: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2013/07/walker-evans-moma-american-photographs.html>



Imagem 23: Country Store and Gas Station, Alabama, 1936, foto do livro American Photographs
| fonte: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2013/07/walker-evans-moma-american-photographs.html>



Imagem 24: Church Organ and Pews, Alabama, 1936, foto do livro American Photographs
| fonte: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2013/07/walker-evans-moma-american-photographs.html>



O livro de Robert Frank, *The Americans* (1958), o qual foi inspirado em Evans, é um diário de viagem que mostra um Estados Unidos pós Segunda Guerra Mundial. Com medo de um iminente ataque nuclear. Nele é possível ver o início de uma tendência na fotografia de expressão pessoal. Muitos foram influenciados por isso como William Klein quem foi fortemente inspirado pela despreensão da action painting lançando: *New york* (1956).

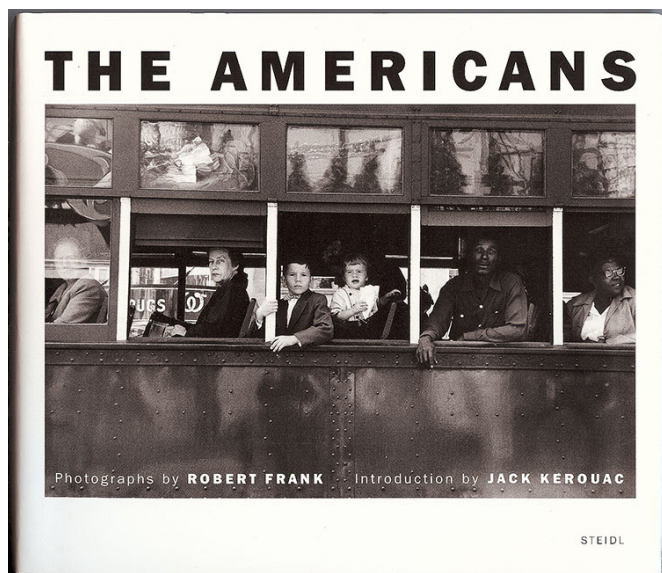


Imagem 25: Livro *The Americans* | fonte: <https://photobookjournal.com/2008/10/01/robert-frank-the-americans/>

Imagem 26: Funeral – St Helena, South Carolina, 1955, foto do livro The Americans | fonte: <https://photobookjournal.com/2008/10/01/robert-frank-the-americans/>

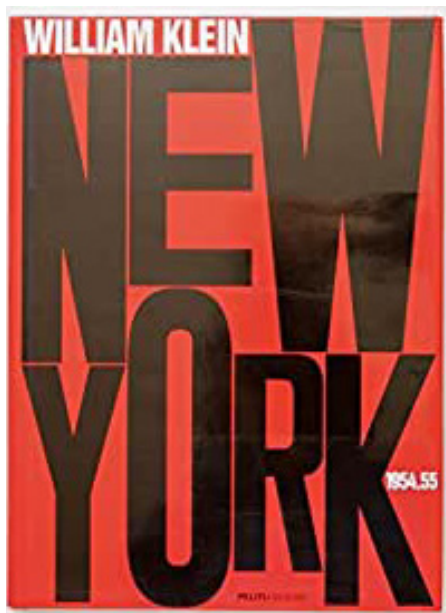


Imagem 27: Trolley – New Orleans, 1955, foto do livro The Americans | fonte: <https://photobookjournal.com/2008/10/01/robert-frank-the-americans/>



Imagem 28: Parade Hoboken, New Jersey, 1955, foto do livro The Americans | fonte: <https://photobookjournal.com/2008/10/01/robert-frank-the-americans/>





*Imagem 29: Livro New York |
fonte: <https://photobookjournal.com/2008/10/01/robert-frank-the-americans/>*



*Imagem 30: Gun 1, Amsterdam
Avenue, New York 1954,
imagem do livro New York |
fonte: <http://leicaphilia.com/william-kleins-new-york/>*



Imagem 31: Gun 2, New York, 1955, imagem do livro New York
| fonte: <http://leicaphilia.com/william-kleins-new-york/>



Imagem 32: Pray, sin, New York, 1954, imagem do livro New York
| fonte: <http://leicaphilia.com/william-kleins-new-york/>

Frank e Klein influenciaram fortemente jovens japoneses e latino americanos em relação as temáticas de cidade e sociedade. Eles exploraram em seus fotolivros um sentimento quase esquizoide que a população vivenciava em relação aos Estados Unidos, de amor e ódio. Por um lado se sentiam fortemente estimulados

por certos aspectos da cultura americana, mas por outro eram críticos de suas política externas. Os fotolivros possuem grande importância política por mostrarem uma visão crítica do autor em relação a sociedade que ele vivenciava.

Assim, publicações como *Por uma linguagem futura* (Kitarubeki kotoba no tame ni, 1970), de Takuma Nakahira, e *Adeus, fotografia* (Shashin yo sayonara, 1972), de Daido Moriyama, conduzem a linguagem expressiva de Klein à beira da incoerência. Sua atmosfera psicológica é incerta, borrando as fronteiras entre realidade e irreabilidade, entre júbilo e angústia. Não sabemos se estamos experimentando a cidade em sonho ou em pesadelo. Os dois livros são ostensivamente não políticos, mas sua mensagem política – o compósito norte-americano de bondade e maldade – revela-se sob a superfície ambígua de sua expressiva poesia. (BADGER, 2015)

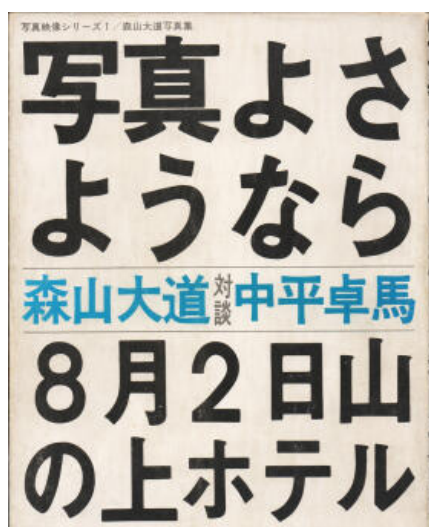


Imagem 33: Livro *Adeus, fotografia* de Daido Moriyama, 1972 | fonte: https://josefchladek.com/book/daido_moriyama_-_shashin_yo_sayonara_farewell_photography

*Imagem 34: Foto do livro
Adeus, fotografia | fonte:
[https://www.tate.org.uk/art/
artworks/moriyama-farewell-
photography-p79977](https://www.tate.org.uk/art/artworks/moriyama-farewell-photography-p79977)*



*Imagem 35: Foto do livro
Adeus, fotografia | fonte:
[https://www.tate.org.uk/art/
artworks/moriyama-farewell-
photography-p79977](https://www.tate.org.uk/art/artworks/moriyama-farewell-photography-p79977)*



John Gossage é um fotógrafo norte americano que escreveu sobre o que em sua opinião seria um bom fotolivro: *“Em primeiro lugar, o fotolivro deve conter um excelente trabalho. Em seguida, precisa fazer que esse trabalho funcione como um mundo conciso dentro do próprio livro. Depois, é necessário que possua um projeto gráfico que enalteça o que está sendo tratado. Por fim, ele deve tratar de conteúdo que mantenha o interesse do leitor”*, ou seja,

suas fotos devem possuir uma qualidade gráfica, assim como deve manter uma voz autoral, mesmo que as fotos não sejam de apenas um autor. Enquanto Badger adiciona mais três pontos que acha necessários em um fotolivro: *"1) do fotógrafo, refletindo suas opiniões; 2) do meio, ajudando de alguma forma a ampliar suas fronteiras; e 3) do mundo, das questões que preocupam o autor."*

O retrato social e de lugares sempre foi uma temática constante na fotografia. A exemplo dos anos 60 e 70 quando explorou-se muito a contra cultura, como os protestos e a liberdade sexual, mais tarde a fotografia passou a ser explorada como um meio e o tema da memória e da identidade se tornaram assuntos mais recorrentes. A fotografia passou de um retrato da sociedade a um meio onde de expressão pessoal também, assim sua condição como expressão artística ficou mais forte, mesmo que seu tema ainda fosse sobre a realidade.

“Na última década, uma nova geração de fotógrafos documentaristas voltou sua abordagem documental para fins mais pessoais. Seu objetivo não é transformar a vida, e sim conhecê-la. Suas obras revelam certa solidariedade, uma quase afeição em relação às imperfeições e fragilidades da sociedade. A despeito de seus horrores, eles gostam do mundo real como fonte de toda maravilha, fascinação e de todo valor. O fato de esse mundo ser irracional não o torna menos precioso.”

(BADGER apus SZARKOWSKI, 2015)

Essa afirmação de Szarkowski diz a respeito de como não é através de fotografia que o mundo vai mudar, mas que ela pode funcionar como um retrato do que deve ser mudado e do que deve ser valorizado nele. Esse tipo de retrato pode ser vista como uma forma de se preocupar com o mundo e qual será o futuro dele.

“Eu quis fazer duas coisas. Quis mostrar as coisas que precisavam ser corrigidas e quis mostrar as coisas que deveríamos valorizar”
(BADGER apud HINE, 2015)

Essa tendência documental de fotografar o mundo sob um ponto de vista pessoal Badger chama de “*personalização*” da fotografia. Fato que ele acredita ter sido um dos principais incentivadores do crescimento do fotolivro como meio de disseminação das ideias fotográficas. Assim como por ter uma característica intimista, quase que uma conversa entre o fotógrafo e o leitor. Ele ressalta que essa personalização não faz a fotografia perder seu viés ou importância política. Szarkowski que diz “*o político é o pessoal*”, ou como jovens ativistas contemporâneos a ele que afirmavam “*o pessoal é o político*”.

Bons exemplos do que Badger e Szarkowski discutem são os fotolivros *Almost Grown* (1978), do americano Joseph Szabo, que lançava um

olhar para a vida pessoal de adolescentes de Long Island, e o *È il '77* (1978), do italiano Tano D'Amico, que retratava protestos dos jovens pelas ruas de Roma.

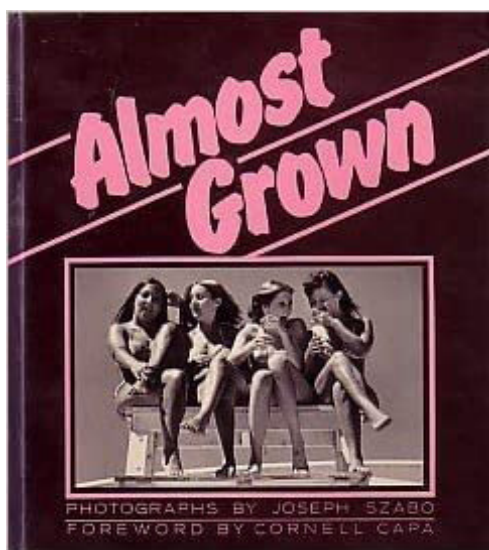


Imagem 36: Livro Almost Grown | fonte: <https://www.amazon.com/Almost-Grown-Joe-Szabo/dp/0517533286>



Imagem 37: foto do livro Almost Grown | fonte: <https://josephszabophotos.com/books/almost-grown/>

*Imagem 38: foto do livro
Almost Grown | fonte: [https://
josephszabophotos.com/books/
almost-grown/](https://josephszabophotos.com/books/almost-grown/)*

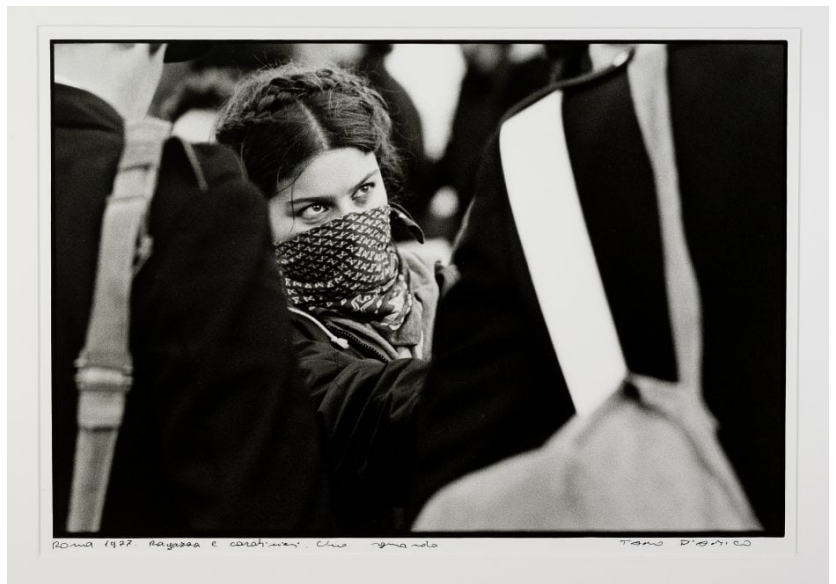


*Imagem 39: Livro É il '77 | fonte:
[https://www.amazon.com.br/77-
Ediz-illustrata-Tano-DAmico/
dp/8872854989](https://www.amazon.com.br/77-Ediz-illustrata-Tano-DAmico/dp/8872854989)*

*Imagem 40: 1977. Festa della
Primavera a Montalto di
Castro, foto do livro É il '77 |
fonte: [https://www.canalearte.
tv/news/77-storia-quarantanni-
nei-lavori-tano-damico-pablo-
echaurren/](https://www.canalearte.tv/news/77-storia-quarantanni-nei-lavori-tano-damico-pablo-echaurren/)*



Imagem 41: 1977. Roma 1977.
Ragazza e carabinieri. Uno
sguardo, foto do livro *É il '77* |
fonte: [https://www.canalearte.
tv/news/77-storia-quarantanni-
nei-lavori-tano-damico-pablo-
echaurren/](https://www.canalearte.tv/news/77-storia-quarantanni-nei-lavori-tano-damico-pablo-echaurren/)



A câmera digital e as redes sociais intensificaram essa tendência, fatos que mudaram o mercado fotográfico profundamente. O retrato que passou a servir como um diário substituiu o estilo observador, desinteressado e objetivo. Mesmo que a fotografia sempre mantivesse seu caráter pessoal, agora ela adotou um tom intimista e confessional como um diário. Alguns fotógrafos adotaram essas características em seus trabalhos, como: *Surfacing* (2011), em que a sueca Katinka Goldberg trata do relacionamento com sua mãe, e *A Period of Juvenile Prosperity* (2012), em que o americano Mike Brodie faz uma crônica de suas viagens clandestinas em trens norte-americanos.



*Imagem 42: Livro Surfacin |
fonte: [https://www.amazon.com/
Katinka-Goldberg-Surfacing-
English-Swedish/dp/9197887633](https://www.amazon.com/Katinka-Goldberg-Surfacing-English-Swedish/dp/9197887633)*



*Imagem 43: Foto do livro
Surfacin | fonte: [https://www.
katinkagoldberg.com/surfacing.
php](https://www.katinkagoldberg.com/surfacing.php)*

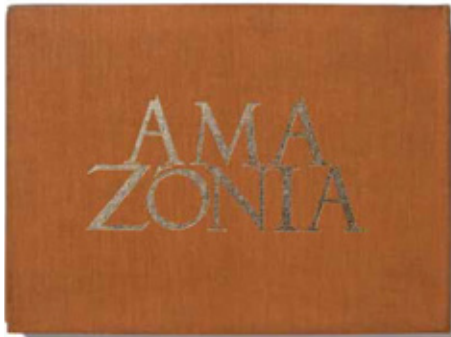


*Imagem 44: Livro A period
of juvenile prosperity | fonte:
[https://www.amazon.com/
Period-Juvenile-Prosperity-Mike-
Brodie/dp/1936611023](https://www.amazon.com/Period-Juvenile-Prosperity-Mike-Brodie/dp/1936611023)*

Imagem 45: Foto do livro *A period of juvenile prosperity* |
fonte: <http://www.fillesdualcaire.com/exposition/a-period-of-juvenile-prosperity-mike-brodie/?lang=en>

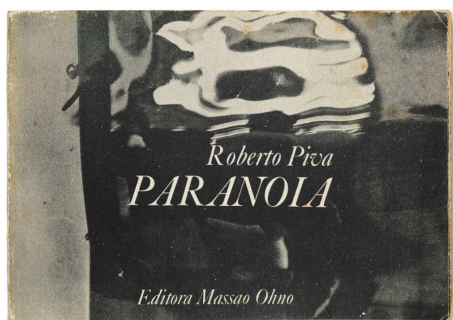


No Brasil existem ótimos exemplos de fotolivros que exploram essa narrativa retratista: *Amazônia* (1978), de Claudia Andujar e George Love que adotam um tom político por tratar de questões ambientais como a preservação da floresta, além do respeito pelos índios ianomâmis. Ao mesmo tempo que reflete um interesse pelo plano espiritual, através de utilização de drogas alucinógenas. *Paranoia* (1963), de Roberto Piva, que alia imagens e texto, no retrato de uma cidade-pesadelo. *Bares cariocas* (1980), de Luiz Alphonsus, com um aspecto rudimentar, quase trivial. *Laróyé!* (2001), de Mario Cravo Neto, dá prosseguimento a sua fascinação não apenas pela cultura afro-brasileira da Bahia, mas também pela beleza do corpo.



*Imagem 46: Livro Amazonia |
fonte: <https://ilpiccolomondodicri.wordpress.com/2013/02/15/fotografia-a-vestimenta-o-cafe-e-o-livro/amazonia/>*

*Imagem 47: Antônio Korihana
thëri sob o efeito do alucinógeno
yākoana, Catrimani, 1970,
foto do livro Amazonia | fonte:
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46484067>*

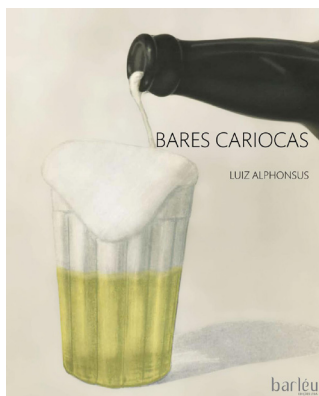


*Imagem 48: Livro Paranoia |
fonte: <https://panso.tumblr.com/post/144943501850/paranoia-1963-de-roberto-piva-um-dos-grandes>*

Estudos sobre fotografia



*Imagem 49: Foto do livro
Paranoia | fonte: [https://
claudiowiller.files.wordpress.
com/2016/11/10.jpg](https://claudiowiller.files.wordpress.com/2016/11/10.jpg)*



*Imagem 50: Livro Bares
Cariocas | fonte: [https://image.
isu.pub/160521021132-b046e3ea
b133441bc14dc29def37ea12/jpg/
page_1.jpg](https://image.isu.pub/160521021132-b046e3ea-b133441bc14dc29def37ea12/jpg/page_1.jpg)*



*Imagem 51: JURA QUE NÃO
SABIA?, 1978, foto do livro
Bares Cariocas | fonte: [http://
galeriatropica.com.br/portfolio_
page/jura-que-nao-sabia/](http://galeriatropica.com.br/portfolio_page/jura-que-nao-sabia/)*



*Imagem 52: Livro Laroyê |
fonte: <https://www.amazon.com.br/Mario-Cravo-Neto-Laroye-Junior/dp/8585098031>*



*Imagem 53: Laroye 010, 1989,
foto do livro Laroyê | fonte:
<https://www.yanceyrichardson.com/exhibitions/mario-cravo-neto2#7>*

“Se combinarmos esses quatro com outros fotolivros brasileiros, e depois com fotolivros do restante da América Latina, o resultado será uma história do continente semelhante àquela que encontramos em romances e filmes do mesmo período. De quebra – cortesia do fotolivro –, somos também transportados para lá. Nunca estive na Amazônia, no Rio nem na Bahia, mas esses fotógrafos me levam até esses locais de um modo muito específico, transmitindo seu ponto de vista (mais amplo ou restrito, conforme o caso) sobre a história e a sociedade brasileiras. O fotolivro faz isso de um modo particular – complexo, intrigante e criativo.”
(BADGER, 2015)

Por suas características políticas, narrativas e expressivas que o fotolivro foi escolhido como meio de apresentar esse trabalho. Com uma melhor compreensão sobre o que leva a onda de intolerância que o mundo tem sofrido nos últimos anos o fotolivro se mostrou uma ótima ferramenta para o retrato de mundos que são obscuro para muitos e por isso temidos. Retratar a beleza dos mundos que tentam ser apagados também é uma maneira de garantir suas memórias e sua cultura, assim como mostrar sua beleza e riqueza cultural.

O TRABALHO

Processo

O candomblé

Os ataques aferidos contra as minorias e assim como maneiras de viver que vão contra a moral conservadora, são de certa forma uma tentativa de extinguir a sua existência. Assim sendo, ela se torna uma luta pela sobrevivência. Como esses grupos se tornam o objeto de ódio dos intolerantes as minorias muitas vezes se escondem. Como por exemplo escravos que chegaram ao Brasil e fingiam adorar os santos cristãos enquanto eles escondiam seus orixás dentro das estátuas para conseguir manter a sua cultura.

“Você desconsiderar uma existência, aí você fala uma coisa que desconsidera uma existência e você fere essa existência”
(TOLEZANO, 2019)

A história do candomblé no Brasil é a história da resistência. Ele chegou no país com os navios negreiros. A mistura de escravos de diversas regiões na mesma senzala resultou na miscigenação de diversas culturas africanas o que formou o candomblé. Mas como todo negro que chegava aqui era batizado pela Igreja Católica e obrigado a praticar a religião, eles tinham que esconder seus orixás. Além disso, a prática de qualquer religião que não fosse a

católica era crime no país até 1891 quando o direito à liberdade religiosa foi garantida. Contudo essa lei não acabou com a perseguição ao candomblé, uma vez que, magia e curandeirismo ainda eram considerados crimes. Mães e pais de santos eram constantemente levados a delegacia sob a acusação de praticantes de magia negra ou feitiçaria.

Nas senzalas escravos escondiam seus orixás dentro de santos católicos, para assim poder adorar eles escondido e preservar sua cultura e religião. Da mesma forma que eles praticavam a capoeira escondidos. Por isso não foi até o século XIX que o candomblé brasileiro surgiu oficialmente no Brasil, antes disso ele sofria forte repressão e por isso tinha pouca visibilidade. A partir dessa prática de adorar seus orixás escondidos em imagens de santos católicos surgiram os sincretismo entre as religiões que até hoje são usados.

Os terreiros formaram uma rede de proteção e preservação da tradição dos povos africanos. Afinal foi a manutenção de cultura, filosofia e visão de mundo africana que garantiu a sobrevivência de seu povo durante a escravidão. A perseguição contra o candomblé sempre foi implacável, tanto a sociedade quanto o estado nunca deixaram de persegui-los. No início do século XX excluir todos os traços de cultura africana era um objetivo do estado, entre eles estava a capoeira, o samba e o candomblé.

Os fatos romaneados por Jorge Amado em ‘Tenda dos Milagres’ foram realmente vividos por negros e negras não só na Bahia, mas em todas as regiões do País. Terreiros invadidos e saqueados, sacerdotes presos e torturados, objetos de culto apreendidos e destruídos
(CARTA CAPITAL, 2017)

No anos 70 o candomblé passou por um processo de expansão para o sudeste e sul, o samba começou a crescer levando um pouco mais da religião para o público. A Igreja católica se abria para o diálogo com as religiões afro-brasileiras. Entretanto com o crescimento das igrejas evangélicas a demonização dos orixás ressurgiu. E a perseguição foi renovada com novos personagens como a mídia que começa uma nova companhia intolerante. E a Igreja evangélica que incitava ataques a terreiros o quais se tornaram mais violentos do que os anteriores, culminando na morte de Mãe Gilda em Salvador.

é um aspecto do racismo muito difícil de ser combatido diante de outros aspectos do racismo que nos já estamos tendo avanços em combater, então por exemplo o fato de que foi a perspectiva de colonizadores europeus, cristãos que olhou para essa forma de espiritualidade que se configurou em religiosidade nas Américas, com a sua perspectiva que é dualista, que separa bem e mal, morte e vida, tem o novo embate com os grupos religiosos neopentecostais que continuam essa demonização, de outras formas
(NZAMBI, 2018)

O candomblé africano é totalmente patriarcal e aqui no Brasil ele tornou-se matriarcal. As mães de santo que construiriam o candomblé brasileiro preservando as tradições africanas. Elas viram que algo tinha que ser feito para preservar o “culto do orixá”.

[...] essas mulheres, sempre fizeram política, a meu ver, porque quantas naquela época, insurreições, quantas coisa eram articuladas num fundo de um quintal de um terreiro, muitas, a gente sempre fez política, negro nunca deixou de fazer política nesse país

(OLIVEIRA, 2018)

O candomblé teve papel central de garantir aos negros sua noção de família, tendo o pai e a mãe de santo como figuras centrais nisso. Enquanto o terreiro mantinha a identidade familiar para seus seguidores. Afinal, até hoje, famílias em periferias são constantemente destruídas pelo estado ou pela pobreza. Dessa forma, terreiros são um espaço de resistência e luta para esses eles.

Foi através da religiosidade do candomblé que a gente resgatou uma família que foi esfacelada e que a gente não tinha direito de ter família, então a Mãe de santo era a Mãe dos filhos que ela paria, quando paria, e dos filhos que ela não paria, mas que era espiritual e todos se sentiam irmãos, de tal maneira que as pessoas iniciadas por alguém eram como irmãos a tal ponto de não poder casar entre si

(OLIVEIRA, 2018)

A trajetória do candomblé é a história da resistência. O terreiro, o quilombo, a roda de capoeira e o samba são acima de tudo lugares de resistência. Onde foi possível a reconstrução da identidade e manutenção da cultura negra no Brasil. Todos esses elementos tem sido a arma de sua sobrevivência.

Brod comenta em seu artigo que o escritor israelense Amós Oz fala sobre como curar o fanatismo, o qual para ele *"origina-se na vontade imperiosa de modificar os outros pelo o próprio bem deles"*, mas essa transformação deve ser feita sob seus valores moralistas. Em sua obra Como curar um fanático ele diz que a luta contra o fanatismo é feito com o humor, a curiosidade, a argumentatividade e principalmente a capacidade de imaginar o outro, através da literatura, por exemplo, ou da arte.

“Contar histórias envolve imaginar outras vidas, outras possibilidades, outras crenças e outras saídas e, também, aprender a 'viver em situações em aberto', escreve Oz.

(BROD, 2019)

Por isso registrar essas existências que tem sido sistematicamente atacadas, com especial violência nos últimos anos se tornou algo necessário. É uma tentativa de iluminar uma cultura a qual muitos tem medo por falta de conhecimento. Assim como é um registro de sua cultura e suas tradições para que elas sejam preservadas para as próximas gerações.

“Fotografia estáticas são as armas mais poderosas do mundo.

(CARROL apud ADAMS, 2018)

Enquanto essas existências forem continuamente ameaçadas por pessoas que desejam não apenas ignorá-las como eliminá-las, é necessário um trabalho constante de resistência para que isso não aconteça. É possível citar alguns exemplos como a vivência universitária, grupos LGBTQI, mulheres, indígenas etc...

“Chega uma pessoa a gente não pergunta quem é, a gente abre as portas a gente recebe, é um religião que alimenta que da comida [...] essa falta de respeito a uma religião que tanto respeita a o outro ser humano, e respeita a todas religiões

(NICE, 2018)

A ideia era fotografar diversos tipos de culturas, mas com o COVID-19 isso foi impossibilitado por causa da quarentena. Uma vez que encontros como o do terreiro não aconteciam mais. E muitas fotos ficaram no laboratório de revelação que fechou por causa dela. As fotos da vivência universitária e do terreiros estavam reveladas, mas por uma questão semântica apenas as do terreiro foram utilizadas. Em três livros diferentes que usam três tipos de linguagem diferente.



*Imagem 54: Foto semana
dos bixos FAUUSP | fonte:
acervo pessoal*



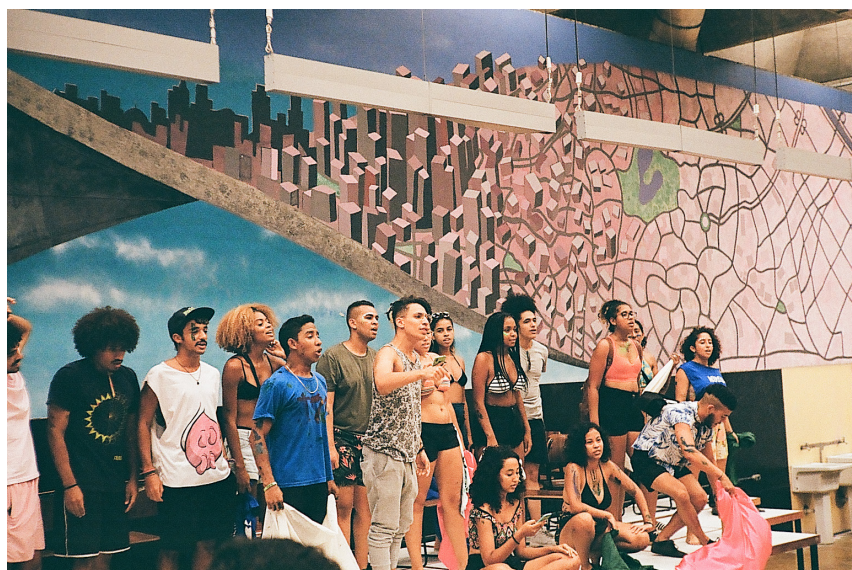
*Imagem 55: Foto semana
dos bixos FAUUSP | fonte:
acervo pessoal*



*Imagem 56: Foto semana
dos bixos FAUUSP | fonte:
acervo pessoal*

Processo

*Imagem 57: Foto semana
dos bixos FAUUSP | fonte:
acervo pessoal*



*Imagem 58: Foto semana
dos bixos FAUUSP | fonte:
acervo pessoal*



*Imagem 59: Foto semana
dos bixos FAUUSP | fonte:
acervo pessoal*



*Imagem 60: Foto semana
dos bixos FAUUSP | fonte:
acervo pessoal*



As fotos do terreiro foram utilizadas porque elas foram tiradas com diversos meios diferentes. E assim foi possível um estudo de linguagem da fotografia mais completo. Com fotos digitais e analógicas, assim como coloridas e preto e branco. Cada meio de fotografia retratou o mesmo evento de maneiras bem diferentes e essas características foram exploradas em cada livro.

Antes da festa, recebemos instruções de onde poderíamos ficar para tirar as fotos sem atrapalhar o evento. Era uma festa grande, com muitos convidados e participantes então existiam lugares que não podíamos ir para não atrapalhar a cerimônia.

Os filmes não foram sistematicamente escolhidos para cada momento da festa, mas sim aleatoriamente colocados na câmera. Era um evento no qual aconteciam muitas coisas ao mesmo tempo e muito rapidamente e como uma leiga no assunto eu não sabia qual ia ser o próximo acontecimento, por isso colocava os filmes na câmera o mais rápido que conseguia após o anterior acabar.

Também, a câmera que estava utilizando era uma câmera do meu avô que ele comprou em 1958 no Japão, a qual utilizei poucas vezes antes. Estava tentando descobrir como utilizar o foco e as aberturas ainda. Foi um processo de descoberta da câmera, da religião e da fotografia analógica. Foi de certa forma um processo criativo livre, a brincadeira a qual Winnicott descreve.

As fotos tiradas digitalmente eram como uma segurança de que eu ia ter fotos desse evento, já que não tinha certeza que as fotos analógicas iam funcionar. E por isso, como resultado existem três linguagem muito diferentes que retrataram aquele evento.

A foto digital captava os movimento em diversas fotos, a velocidade, a nitidez e a cor. Enquanto a foto analógica ela captava os movimentos em uma imagem só, o seu foco é direcionado a algum elemento da foto, ela possui mais textura e menos cores. Já a foto preto e branco ao tirar a cor como elemento gráfico ela adquiri uma característica mais introspectiva, ela trata apenas da luz e da sombra.

Dessas três representações diferentes nasceu os três fotolivros. Com o objetivo de explorar suas linguagens da melhor maneira possível. O projeto gráfico tentou explorar essas características de cada tipo de fotografia. E de certa forma mostrar como um mesmo objeto pode ter leituras bem diferentes dependendo de como ele é representado.

Foi utilizado um celular Iphone 8 para tirar as fotos digitais, uma câmera Nikon S2 com filmes coloridos e preto e branco. Os três projetos foram separados para que linguagens mais adequadas a narrativa de cada fossem utilizadas. Eles foram intitulados de Oxala, Oxaguian e Oxalufan que seriam o sincronismo da santíssima trindade no cristianismo.



*Imagem 61: Imagem
Iphone 8 | fonte: [https://
up.icaui.com.br/produto/
iphone-8-64-gb-dourado/](https://up.icaui.com.br/produto/iphone-8-64-gb-dourado/)*



*Imagem 62: Imagem
camera utilizada | fonte:
[https://www.rakuten.co.jp/
kameranokoseki/](https://www.rakuten.co.jp/kameranokoseki/)*

O livro intitulado de Oxaguian contem as fotos tiradas com o celular. Elas foram diagramadas de maneira a enfatizar o movimento das danças e das saias coloridas no dia da festa. E por isso recebeu o nome do orixá mais jovem dos três. Ele representa o dinamismo da vida em busca do avanço e o movimento.

Enquanto o Oxalá e o Oxalufan receberam as fotos analógicas coloridas e preto e branco respectivamente. Por serem orixás mais antigos, que representavam a tradição, a espiritualidade e a religiosidade. Por isso as fotos coloridas foram diagramadas junto trechos dos contos da criação dos orixás e suas saudações. Enquanto as preto e branco, por serem naturalmente fotos mais introspectivas, mais dramáticas, foram colocadas em página dupla para que suas características fossem exaltadas.

As cores das contracapas seguem a lógica do tipo de foto que elas recebem, por isso a com fotos preto a branco recebem tons monocromáticos, e a colorida analógica tem as cores um pouco mais sóbrias que as digitais que possui uma cor mais vibrante. As cores branco e azul são as cores desses orixás.

Suas capas são brancas em homenagem a vestimenta brancas que os abyans, novatos no culto, usam. E esses livros tem a ideia de apresentar um candomblé desmitificado e por isso é como se fosse uma iniciação ao culto portanto, o branco. A cor branca no candomblé ao contrario do que muitos acreditam não representam a paz, representa o luto pela morte que proporciona o renascimento e a continuidade.

Os livros vêm envoltos em uma capa com palavras que são utilizadas para ofender e diminuir essa religião. Que representam o que a sociedade pensa em relação às religiões afro-brasileiras. É a primeira impressão que deve ser retirada para assim nos iniciarmos nessa cultura de uma religião que acrescentou tanto à cultura brasileira e sofreu perseguição desde que ela nasceu aqui.

*“Há uma promessa
oculta ao ato de tirar
uma fotografia.”*

*(CARROL apud
BROOMBER &
CHANARIN, 2018)*

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, J. The 18 most controversial Boris Johnson quotes unearthed during the general election campaign. Inews, 11 de dezembro.2019. Disponível em: < <https://inews.co.uk/news/politics/boris-johnson-quotes-controversy-comments-general-election-2019-campaign-372969>>

BADGER, G. Por que fotolivros são importantes. Revista Zum 8, 31 de agosto.2015. Disponível em: < <https://revistazum.com.br/revista-zum-8/fotolivros/>>

BARELLA, J. Um alerta contra o fascismo nos dias de hoje. Exame, Mundo, 02 de junho. 2018. Disponível em: < <https://exame.com/mundo/um-alerta-contra-o-fascismo-nos-dias-de-hoje/>>

BARTHES, Roland. A câmara clara, 1915-1980. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BEAUCHAMP, Z. Our Incel problem. Vox, The Highlight, 23 de abril de 2019. Disponível em: < <https://www.vox.com/the-highlight/2019/4/16/18287446/incel-definition-reddit>>

BIANCHI, B. O fascismo ontem e hoje. Medium, 09 de outubro.2018. Disponível em: < <https://medium.com/@Brunobianchi23/fascismo-ontem-hoje-bolsonaro-fa8115ade741>>

BOLSONARO em 25 frases polêmicas. Carta Capital, 29 de outubro.2018. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>

BROD, C. O tribalismo e as vantagens de ser um extremista. Estado da Arte, Sociedade, 22 de agosto. 2019. Disponível em: < <https://estadodaarte.estadao.com.br/o-tribalismo-e-as-vantagens-de-ser-um-extremista/>>

BROWN, B. The ending of Nosedive explained | Black Mirror Season 3 Explained. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=fmizLrP64NQ>>

‘CADA vez mais, o índio é um ser humano igual a nós’, diz Bolsonaro em transmissão nas redes sociais. G1, 24 de janeiro.2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>>

CARDOSO, P. Pedro Cardoso lendo comentários. In: QUEBRANDO O TABU, 29 de dezembro.2019. Entrevista concedida ao Quebrando o Tabu. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Xy9KW705jFo> >

CARROL, Henry. Fotógrafos sobre a fotografia - olha, pense e tire fotos como os mestres, 2018. São Paulo: Gustavo Gilli, 2018.

CARTA CAPITAL. Candomblé: religião de resistência. Carta Capital, 11 de agosto. 2017. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/candomble-religiao-de-resistencia/> >

FREITAS, Artur. Arte de Guerrilha, 2013. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

‘FUI e continuo sendo conservadora’: o que pensa Regina Duarte, que aceitou convite de Bolsonaro e assumirá Cultura. BBC Brasil, 29 de janeiro. 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51155070> >

GARCIA, M. Afinal, o que é um fotolivro?. Medium, 10 de abril. 2017. Disponível em: < <https://medium.com/@dummarcelogarcia/afinal-o-que-%C3%A9-um-fotolivro-cdab66cf2362> >

GLASIUS, M. Entrevista sobre as novas faces do autoritarismo de direita e esquerda nas democracias. BBC News Brasil: 11 de maio.2019. Entrevista concedida a Fernanda Odilla. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48022553> >

GREGO, M. Piada de Bolsonaro sobre sua filha gera revolta nas redes sociais. Exame, São Paulo, 06 de abril.2017. Disponível em: < <https://exame.com/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/> >.

LEE, A. K-pop fans are taking over ‘White Lives Matter’ and others anti-black tags with memes and fancams of their favorite stars. CNN, 8 de junho. 2020. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2020/06/04/us/kpop-bts-blackpink-fans-black-lives-matter-trnd/index.html> >

MA, A. China ranks citizens with a social credit system - here's what you can do wrong and how you can be punished. Independent, Business insider, 10 de abril.2018. Disponível: < <https://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/china-social-credit-system-punishments-rewards-explained-a8297486.html> >

MAHDAWI, A. Why do we only care about inches when they are men?. The Guardian, Opinion Women, 19 de fevereiro. 2020. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/feb/19/why-only-care-incels-men-in-voluntary-celibacy> >

MANGAN, D. Michael Cohen: Trump said 'black people are too stupid to vote for me. CNBC, 02 de novembro.2018. Disponível em: < <https://www.cnbc.com/2018/11/02/michael-cohen-trump-said-black-people-are-too-stupid-to-vote-for-me.html> >

PROCESSO é encerrado, o Bolsonaro é absolvido em acusação de discriminar quilombolas. O Globo, Rio de Janeiro, 07 de junho.2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/processo-encerrado-bolsonaro-absolvido-em-acusacao-de-discriminar-quilombolas-23723882> >

QUEBRANDO O TABU. Esse discurso é poderoso. In: Quebrando o Tabu, 29 de maio. 2020. Disponível em: < <https://twitter.com/quebrandootabu/status/1266529349177614337> >

REBUÁ, E. Benjamin, Bolsonaro e a munição para o antifascismo em três escritos. Cult, 24 de setembro. 2019. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/benjamin-bolsonaro-antifascismo/> >

RODRIGUES, R. O Candomblé no Brasil. In: Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia. Disponível em: < <http://www.irdeb.ba.gov.br/tamboresdaliberdade/?p=1284> >

SAFATLE, Vladimir. Introdução a Jacques Lacan, 2017. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

SITUACIONISMO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3654/situacionismo>>. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SHANNON, E. The rise os the Photbook in the Twenty-First Century. St. Andrews Journal of Art History and Museum Studies, vol 14, 2010. Disponível em: < https://pdfs.semanticscholar.org/d59a/6ef26a2141d23d68e17b-622934fadfb8548a.pdf?_ga=2.114007815.1039327533.1593964988-1827484069.1593964988>

TOLEZANO, J. Jout Jout | #Provocações. In: Provocações, 30 de julho. 2019. Entrevista concedida a Marcelo Taz. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YoqHY5uEy9c> >

VANEIGEM, Raoul. A arte de viver para novas gerações, 1967. São Paulo: Veneza, 2016.

VIEIRA, K. Frases da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos que poderiam estar em 'Handmaid's Tale'. Hypeness. Disponível em: < <https://www.hypeness.com.br/2018/12/6-frases-da-nossa-ministra-que-poderiam-estar-em-handmaids-tale/>>

WINNICOTT, Donald. O brincar & a realidade, 1971. Rio de Janeiro: Imago editora LTDA., 1975

WHY do we elect bullies? Entrevistador: Kirk Honda. Entrevistado: Bill Eddy. 24 jun.2019. Podcast. Disponível em: <https://www.spreaker.com/user/10958640/why-do-we-elect-bullies?utm_medium=widget&utm_source=user%3A10958640&utm_term=episode_title>.